

## **Proposta didática antirracista para o ensino de literatura de mulheres negras brasileiras**

**Anna Thaís Marques e Santos**

**RESUMO:** Este artigo propõe uma sequência didática voltada às aulas de literatura de turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, cujo objetivo principal é promover uma educação antirracista por meio de práticas com literatura de mulheres negras brasileiras. A proposta centra-se no trabalho com cartas, tendo como base a obra "Cartas para minha avó", de Djamila Ribeiro. A iniciativa busca discutir importantes aspectos da escrita de mulheres negras no Brasil, abordando temas como domínio colonial, intelectualidade, relações de poder e a função social no combate ao racismo. O enfoque está na construção e no fortalecimento de uma identidade antirracista dos alunos, formando leitores críticos, éticos e conscientes de seu papel na sociedade. Além disso, o artigo explora a Lei 10.639/03 e as expectativas da BNCC para o ensino de literatura de autoria negra, bem como apresenta possibilidades para abordar habilidades e competências relacionadas a esses aspectos. São sugeridas autoras que ampliem o repertório literário dos professores e alunos integrantes na luta antirracista. O artigo dá ênfase às vozes de mulheres intelectuais brasileiras como Djamila Ribeiro, Cida Bento, Conceição Evaristo e a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie como fundamentação teórica e crítica para as discussões sobre racismo e decolonialidade. Salienta-se a importância de proporcionar práticas contra preconceitos e destacar o protagonismo negro das mulheres na formação histórico-cultural do Brasil. O intuito é mostrar que nós professores podemos trabalhar com os alunos práticas de leitura literária que inspirem movimentos de autoafirmação e valorização da história e da cultura negro-brasileira.

**Palavras-chave:** Literatura de autoria negro-feminina. Práticas pedagógicas antirracistas.

### **Introdução**

Nós professores de literatura possuímos a responsabilidade de mediar as experiências dos alunos com textos literários em busca de formá-los indivíduos críticos, capazes de refletir sobre si e terem percepção do outro, abertos à diversidade de experiências humanas, ao conhecimento de histórias e culturas, sejam elas reais ou fictícias, em uma prática de construção identitária, de integração na sociedade e de vivência humana. Podemos incentivar a leitura como um espaço de discussão ao trabalhar obras variadas, canônicas ou não canônicas, de um modo eficaz, competente e sensível. É inegável que reconheçamos a importância de se estudar literatura em que se preconize uma abordagem inclusiva, englobando questões de raça – enquanto construção social e não como categoria biológica, classe social e de gênero, entre outros aspectos

transdisciplinares. Na escola, como instituição fundamental na promoção de ensino ético, democrático, heterogêneo e plural, devemos transcender a visão eurocêntrica que historicamente prevaleceu.

Nesse sentido, é fundamental que nós professores exploremos a riqueza da diversidade literária, incluindo autoras(es) de diversas origens étnicas, culturais e sociais, fomentando abordagens críticas e debates construtivos em sala de aula e/ou fora dela. Na realização dessas práticas, podemos criar um ambiente de ensino-aprendizagem enriquecedor, onde alunos possam se identificar com personagens e histórias que representem suas próprias realidades sociais e pessoais. Eles podem fortalecer a vontade de serem cidadãos mais conscientes, empáticos e engajados em construir uma sociedade mais justa e igualitária. Nosso papel como educadores é indispensável nesse processo, pois podemos orientar os alunos na jornada de descoberta e compreensão do mundo por meio do letramento literário.

Há vinte anos a Lei 10.639/2003, que determina como obrigatoriedade o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, foi implementada, o que representou um avanço importante nos currículos escolares, promovendo a valorização da diversidade étnico-racial e combatendo o racismo. Em 2008, ela foi alterada pela lei 11.645/2008 que amplia o escopo da lei de 2003 e inclui a cultura indígena nos currículos escolares. Aos poucos, nós professores passamos a buscar materiais de apoio didático para auxiliar nossas aulas, em especial as de Literatura. E, por mais que tenhamos caminhado até aqui, ainda existe um longo e importante trabalho a ser realizado para questionar e avaliar como essa lei está sendo efetivamente aplicada e vivida na prática educacional. Percebe-se certa carência de materiais de apoio e atividades que estejam alinhados com essa lei, e que promovam uma educação antirracista.

Usaremos neste artigo o termo negro-brasileira, conforme Cuti,

a palavra “negro” nos remete à reivindicação diante da existência do racismo, ao passo que a expressão “afrobrasileiro” lança-nos, em sua semântica, ao continente africano, com suas mais de 54 nações, dentre as quais nem todas são de maioria de pele escura, nem tampouco estão ligadas à ascendência negro-brasileira. (CUTI, 2010, p.38)

O conceito de "Literatura negro-brasileira" foi desenvolvido por Cuti. Essa abordagem realocaliza a escrita de autoria negra na crítica literária, destacando seu significado político e seu papel como um instrumento de pertencimento. A literatura negra não deve ser marginalizada, mas sim reconhecida e valorizada em um contexto mais amplo da literatura brasileira. A literatura escrita por mulheres negras e a "Literatura negro-brasileira" são vistas como tendo um "lugar político de pertencimento", essas expressões literárias não apenas narram histórias, mas também desempenham um papel ativo na luta contra o racismo, na afirmação da identidade negra e na

construção de uma narrativa inclusiva e justa. E, também, representa um esforço importante para a promoção da diversidade e igualdade nas letras brasileiras.

Ao nomear essa produção como "afro", Cuti questiona a tentativa de projetá-la à origem continental de seus autores, sugerindo que isso a marginaliza da literatura brasileira e a desqualifica com base em uma hierarquização cultural disseminada na concepção brasileira. Ele argumenta que termos como "afro-brasileiro" e "afrodescendente" sugerem um retorno discreto à África, afastando-a silenciosamente do âmbito da literatura brasileira e relegando-a a um mero apêndice da literatura africana.

Cuti critica também a associação compulsória da literatura negro-brasileira aos pressupostos ideológicos do Estado Brasileiro, sugerindo que isso limita a liberdade criativa e impede o questionamento da realidade brasileira por parte dessa produção literária. Ele argumenta que a literatura africana não combate o racismo brasileiro e não se assume como negra, e que a continentalização africana da literatura é um processo desigual que nega a diversidade africana.

A conscientização da comunidade educacional sobre a importância da inclusão da história e cultura negro-brasileira e a necessidade de práticas antirracistas é significativa para promover uma transformação efetiva da educação. Questionar as instituições educacionais, seus currículos, desde o nível macro até o micro, os materiais didáticos selecionados e as abordagens sobre essas questões, evidenciadas pela lei, são cruciais para compreender os desafios e os avanços na promoção de uma educação literária que valorize a diversidade cultural e histórica brasileira.

Precisamos ficar atentos se o Ministério da Educação e a Secretaria da Educação, seja a do Estado ou a da Prefeitura, estão agindo para que essa Lei seja, de fato, cumprida, se os currículos das universidades e, no nosso caso, dos cursos de Letras têm selecionado suas obras teóricas e literárias de autoras(es) negras(os), se a escola tem garantido que existam projetos/aulas/palestras/atividades extensionistas, bem como acervo na biblioteca com essas obras, e se nós professores estamos encarando essas leituras e o que temos feito para mediar esse conhecimento.

Maria Thereza Veloso diz

que se cumpra a Lei, sim, mas não somente por obediência subserviente à sua letra fria. Que se a cumpra, antes e essencialmente, pela vivência do sentimento de pertença a uma só comunidade, aquela dos que se reconhecem iguais em dignidade enquanto seres de consciência, vontade e liberdade. (VELOSO, 2015, p.10)

A promoção de debates, a inclusão de autoras(es) negras(os), o estímulo à pesquisa e a garantia de acesso a um acervo literário diversificado são ações escolares fundamentais nesse

processo de reeducação social como exercício para a vida. Também é vital que cada educador se engaje ativamente, refletindo sobre sua própria prática pedagógica e estabeleça estratégias que possam mudar essa lógica ainda de ensino racista e pouco aberto à cultura, à história, à literatura negro-brasileiras como pertencentes à identidade cultural do país.

Helena Parente Cunha, importante pesquisadora e crítica literária brasileira, defende a necessidade de incluir obras não canônicas no ensino da literatura, especialmente para promover uma educação mais inclusiva e plural. Sua perspectiva destaca a importância de ampliar o cânone literário para além das obras tradicionalmente consagradas, buscando dar voz e visibilidade a escritores e escritoras marginalizados pela história oficial. Ao priorizar obras não canônicas, Parente Cunha propõe uma abordagem mais democrática e diversificada da literatura, que reconhece e valoriza a multiplicidade de vozes e experiências presentes na sociedade.

Ela faz questionamentos e pontuações importantes para todo professor de literatura que irá selecionar as obras que trabalhará, ao pensar no

sempre discutido conceito de cânone, uma das mais polêmicas e escorregadias questões os atuais estudos literários, que desafia uma tomada de posição correta sobre seu verdadeiro papel nesta área do conhecimento. Como explicar a sobrevivência do cânone e seu caráter hegemônico e totalitário em nossa época tão empenhada em desconstruir e subverter as representações normalizadoras da modernidade? Por acaso se trataria de uma das manifestações do paradoxo próprio do mundo pós-moderno? A que ponto o cânone hoje estaria atrelado à noção do nível estético, por certo necessário para reconhecer uma obra literária? (CUNHA, 2006, p. 241)

Devemos, pois, nos lembrarmos da importância de tais obras para a literatura brasileira, mas não nos esquecermos que elas não são as únicas existentes e que apenas elas devem ser trabalhadas em sala de aula. Helena ressalta a transformação do cenário político e cultural, especialmente no contexto literário, onde as vozes antes marginalizadas estão ganhando espaço e visibilidade. no passar do tempo,

à medida que segmentos autoritários começaram a se politizar e a se conscientizar dos seus direitos, as fronteiras políticas se expandiram para acolher reivindicações e denúncias, enquanto o mundo da literatura dava passagem para construções discursivas provenientes de fontes afastadas das elites cultas, podendo se hoje ouvir um sem número de vozes dos mais variados timbres, modulações e sotaques entre os quais mulheres, afro-descendentes, gays e indígenas. (CUNHA, 2006, p. 245)

Por vários anos, mulheres foram impedidas de entrar no cânone, mas temos fortes figuras femininas para nos inspirar e fazerem parte das escolhas literárias que apresentaremos ao alunado, mulheres que apesar dos desafios e das pressões sociais, corajosamente defenderam a emancipação das mulheres e seus direitos de escolha. Podemos, assim como Cunha, nos perguntar

estariam nossas leituras ainda presas aos aportes ideológicos do patriarcado? Por que existe, nos meios acadêmicos tanta resistência para ver com olhar exemplo a vastíssima produção dos movimentos poéticos que vicejam à margem do reconhecido literário? Se negarmos os parâmetros críticos que legitimam o cânone e, portanto, sem critérios preconcebidos, em que lugar nos situaremos ante as novas práticas discursivas? Qual será nosso referencial, se recusarmos a subserviência a valores estranhos e estrangeiros? (CUNHA, 2006, p. 249)

Essa abordagem visa não apenas enriquecer o repertório literário dos alunos, mas também promover uma reflexão crítica sobre os critérios de seleção e valorização das obras literárias. Ao questionar os padrões estabelecidos pelo cânone literário tradicional, os estudantes são incentivados a pensar sobre questões de poder, representatividade e hegemonia cultural, contribuindo para uma educação mais emancipatória e transformadora. Além disso, ao incluir obras não canônicas, os educadores têm a oportunidade de explorar temas e narrativas que muitas vezes são negligenciados nos currículos escolares convencionais, como a história e a cultura das comunidades marginalizadas, as lutas por justiça social e os desafios enfrentados pelas minorias em suas lutas diárias.

Logicamente, um professor sozinho, durante seu ano letivo, não conseguirá transformar a forma de pensar racista e os reflexos do racismo estrutural de toda uma sociedade. É essencial que ele faça sua parte e provoque questionamentos que levem o aluno a pensar nos valores etnocêntricos que encontramos no Brasil, um país onde cerca de 56% da população se autodeclara negra e, no entanto, é a que mais morre por homicídio – segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE. As pesquisas também mostraram que

estudantes pretos ou pardos do 9º ano do ensino fundamental vivenciavam mais experiências violentas do que os brancos. Frequentar escolas situadas em áreas de risco de violência, ter sido agredido por algum adulto da família, envolvimento em briga com uso de arma de fogo ou de arma branca – todas essas variáveis estavam presentes mais intensamente no dia a dia de pretos ou pardos. (IBGE, 2019)

Dados que, mais uma vez, confirmam a urgência da escola – enquanto parte indispensável da sociedade – em trabalhar com textos literários cujos elementos estruturais e temáticos suscitem reflexões sobre o racismo, a violência, a desigualdade social e, sobretudo, como construir e manter um espaço formador de indivíduos conscientes e antirracistas. Ao provocar questionamentos que incentivam os alunos a refletirem sobre a problemática dos valores etnocêntricos, presentes na sociedade brasileira, nós professores de literatura contribuiremos para a formação literária de cidadãos mais conscientes e engajados. É fundamental que estimulemos o pensamento crítico e promovamos a análise das desigualdades e injustiças existentes, como as estatísticas de homicídios.

A educação literária permite experiências as quais podem auxiliar no combate ao racismo estrutural e promover a igualdade. Temos enquanto professores de literatura a responsabilidade

de criar um ambiente literário de aprendizagem inclusivo e seguro, onde os alunos possam discutir abertamente as questões de raça, identidade e discriminação. Ao fazer isso, estamos contribuindo para a formação de uma geração mais consciente e ativa na promoção da equidade racial e social. Além disso, temos o poder de educar positivamente a percepção dos alunos sobre a diversidade étnico-racial. Ao apresentar uma variedade de perspectivas e experiências, incluindo a história e a cultura negro-brasileira de maneira precisa e respeitosa, podemos ajudar a desconstruir estereótipos e preconceitos, criando uma sociedade mais justa e inclusiva a longo prazo.

Como vemos na obra *Pequeno manual antirracista*, “o antirracismo é uma luta de todas e todos” (Ribeiro, 2019, p. 15) e cada cidadão deve se questionar sobre como está contribuindo para essa luta, especialmente a escola por se tratar de um ambiente heterogêneo e responsável pela formação intelectual, crítica, política e humana, como direito dos indivíduos garantido pela Constituição Brasileira. E que, também é capaz de estimular reflexões e pensamentos que auxiliam na formação plena e no preparo para uma convivência respeitosa em todos os espaços da sociedade. Eliana de Oliveira lembra que

os educadores e responsáveis pela formação de milhares de jovens na sua grande maioria são vítimas dessa educação preconceituosa, na qual foram formados e socializados. Esses educadores não receberam uma formação adequada para lidar com as questões da diversidade e com os preconceitos na sala de aula e no espaço escolar. (OLIVEIRA, 2001, p. 4)

O que nos leva não somente à reflexão coletiva, como também individual. O que cada um de nós, docentes ou futuros docentes, está fazendo para contribuir com a luta antirracista? Na nossa formação docente, estamos questionando os professores dos cursos de Letras quanto à utilização exclusiva de obras canônicas, majoritariamente masculinas e brancas? Estamos buscando ampliar nosso acervo pessoal, com leituras de autoria negra? E, quando já professores, buscamos utilizar a literatura negro-brasileira na escola e aplicar atividades que levem os alunos à reflexão e ao pensar da própria existência e importância na luta contra o racismo? Buscamos dar protagonismo às tantas mulheres negras que por muitos anos foram silenciadas?

Cida Bento, em sua obra *O pacto narcísico da branquitude*, conduz-nos à pertinente discussão sobre as escolhas feitas por pessoas brancas, por exemplo em vagas de emprego. Assim como ela afirma, “é preciso reconhecer e debater essas e outras relações de dominação para criar condições de avanço para outro tipo de sociedade e outros pactos civilizatórios” (Bento, 2022, p. 15). É importante compreender as perspectivas perpetuadas ao longo da história e “quebrar” com o pacto arraigado em nossa sociedade brasileira.

Sem dúvidas, no mínimo, deve nos causar estranhamento descobrir em que

As instituições públicas, privadas e da sociedade civil definem, regulamentam e transmitem um modo de funcionamento que torna homogêneo e uniforme não só processos, ferramentas, sistemas de valores, mas também o perfil de seus

empregados e lideranças, majoritariamente masculino e branco. (Bento, 2022, p. 18)

A branquitude tem perdurado por centenas de anos e, com certeza, tem deixado marcas fortíssimas em quem não é pertencente a ela, não compartilha de seus privilégios. Não necessariamente existe um acordo formal para escolher apenas pessoas brancas – o que infelizmente também acontece – mas ele pode se fazer de forma silenciosa, e ainda assim, é extremamente cruel. “Tal fenômeno evidencia a urgência de incidir na relação de dominação de raça e gêneros que ocorre nas organizações, cercadas de silêncio” (Bento, 2022, p. 8).

Outras questões, como o discurso da meritocracia, precisam ser por nós pensadas, discutidas. Nós professores de literatura precisamos realizar uma autoanálise para perceber quais aspectos culturais nos compõem, com quais obras literárias temos trabalhado, se estamos contribuindo para a manutenção patriarcal e eurocêntrica, se reproduzimos discursos infelizes que tendem a culpabilizar o indivíduo por algo que deveria ser responsabilidade social. Bento nos lembra que o que é amplamente defendido pela elite branca brasileira é um sistema que “não considera ainda o impacto de histórias e heranças diferentes na vida contemporânea dos grupos, tais como qualidade de escolas frequentadas, disponibilidade de equipamentos e acesso à internet nos ambientes familiares e escolares, ao sistema de saúde, de saneamento básico nos locais de moradia etc.” e por isso legitima a hierarquia de raça e gênero.

Cida nos aponta que frequentemente somos lembrados dos atos cruéis realizados durante o período de escravidão no Brasil, mas que dificilmente discutimos os benefícios que o doloroso processo trouxe para as pessoas brancas

É possível identificar a existência de um pacto narcísico entre coletivos que carregam segredos em relação aos seus ancestrais, atos vergonhosos como assassinatos e violações cometidos por antepassados, transmitidos através de gerações e escondidos, dentro dos próprios grupos, numa espécie de sepultura secreta. (Bento, 2022, p. 23)

Esse ponto acaba por fazer a manutenção da supremacia branca, mesmo hoje após a abolição teórica da escravidão. As pessoas brancas precisam conhecer seus antepassados e os atos por eles realizados, para que assim possamos debater essa “herança marcada por expropriação, violência e brutalidade para não condenarmos a sociedade a repetir indefinidamente atos anti-humanitários similares” (Bento, 2022, p. 24). O pacto narcísico da branquitude produz alienação e as ameaças dele estão muito bem explanadas no livro *O perigo de uma história única*, escrito pela nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que visitaremos ao longo desta discussão.

Os colonizadores brancos passaram a caracterizar os diferentes a partir de suas visões etno e eurocêntricas, significando a humanidade de si e dos outros por meio de suas projeções e repressões violentas. A partir desse movimento, milhões de africanos passaram a ser escravizados no mundo. Por mais que o continente fosse uma região anteriormente rica, cultural, social e

economicamente, a colonização alterou totalmente essa realidade. Então, a branquitude passa a apresentar um negro sem identidade, ancestralidade, religiosidade e outros aspectos culturais.

Recentemente, um indivíduo que se diz comediante reproduziu discursos racistas que confirmam que existe a “habitual e repetitiva associação da situação contemporânea dos negros com legado da escravidão. Tudo se explica por uma herança que os negros trariam da escravidão”. Entre suas ‘piadas’ o comediante coloca

uma cena como esta: um homem negro desmaia de fome durante o trabalho na plantação de arroz. Os parceiros interrompem o trabalho para ajudá-lo. Os supervisores do local reclamam e exigem que eles voltem ao trabalho porque, senão, "vão achar quem trabalhe de verdade". "Vocês não sabem o que querem, hein? Reclamam de não ter emprego, quando têm, não trabalham. Na época da escravidão já nascia empregado e também achava ruim", diz um deles aos risos... (Freire, 2023, s/p)

Situações assim não são apenas vergonhosas, mas também terríveis e repudiáveis. Os seres humanos às vezes se esquecem que existem limites, principalmente o branco. E, faz perdurar o estigma do negro preguiçoso, mesmo com estatísticas comprovando que a população negra trabalha em média duas horas a mais do que a branca, ganha 30% menos, sendo as mulheres o grupo mais afetado (Dieese, 1999). A dura realidade pode ser observada nas mais diversas áreas e é denunciada por muitos artistas, como ouvimos na música “Matemática na prática”, parte 2 – escrita por Fábio Brazza e interpretada por ele, GOG e Renan Inquérito: “Será que são números naturais? / Milhares de pretos nos tribunais / Homem ganha mais, branco ganha mais / Mulher Preta trampa mais, números reais”. Já Bento aponta ao dizer que “essa realidade é uma continuidade de seu lugar histórico de trabalho no país, no qual o escravizado foi o motor da metrópole e da colônia e a partir de seu trabalho... possibilitou a consolidação da classe dominante” (Bento, 2022, p. 32). Ela também nos lembra da importância de trabalharmos a memória e a resistência negra, algo que deve ser realizado de forma mais profunda e ampla, não apenas uma vez ao ano, na semana reservada para o feriado da Consciência Negra.

Um dos importantes meios para abordarmos essas questões é por meio da literatura, rompendo com o pacto de apenas lermos autoras(es) brancas(os) ou ler negras(os) pela visão dos brancos. Os alunos podem compreender como esse sistema funciona e corrobora com a manutenção dos privilégios brancos a fim de que, futuramente, não venham, por exemplo, a eleger políticos brancos escancaradamente preconceituosos nos mais diversos níveis que acabam obviamente fortalecendo privilégios brancos por meio de suas ideologias. Como reforça Cida Bento, a violência contra as pessoas negras é parte de um sistema genocida e a nós docentes cabe o labor de identificar e compreender esses processos, pensando em como auxiliaremos os alunos a terem também consciência de tudo, uma vez que

São nas instituições públicas e privadas que precisamos incidir, debater perspectivas e valores orientadores, fazer diagnósticos e alterar normas, políticas

e processos que estruturam as relações de dominação, em particular àquelas relacionadas à branquitude. (Bento, 2022, p. 54)

Neste artigo, focaremos em como o professor de literatura pode utilizar-se de seu espaço privilegiado em prol de uma educação antirracista no Brasil, particularmente com a leitura de literatura escrita por mulheres negras, uma vez que “é raro que as bibliografias dos cursos indiquem mulheres ou pessoas negras; mais raro ainda é que indiquem a produção de mulheres negras, cuja presença no debate universitário e intelectual é extremamente apagada” (Ribeiro, 2019, p. 63).

Para tanto, tocaremos ao longo do trabalho em pontos discutidos a partir de termos como *escrivivência*, *epistemicídio*, *pacto narcísico da branquitude*, *racismo estrutural*, dentro dos tópicos deste artigo: “Literatura e ensino antirracista”, “O ensino antirracista com a literatura de mulheres negras brasileiras”, “Proposta” e “Considerações finais”. Em cada um deles, tentaremos relacionar literatura, ensino, vivência e outros temas, pincelando brevemente a realidade brasileira de como o racismo estrutural tem afetado as diversas áreas da sociedade e mostrando como nós professores de literatura podemos favorecer para que os alunos tenham cada vez mais conhecimento sobre essas questões e engajem na luta antirracista. Trabalharemos, assim, com o triplo objetivo de denunciar o cenário de nossa sociedade nas práticas de ensino, incentivar leituras de mulheres negras, sugerir uma sequência de atividades que podem ser trabalhadas nas salas de aula de nonos anos durante as aulas de literatura, amparados por intelectuais negras.

No primeiro tópico, veremos a relevância da literatura na formação cidadã e no processo de ensino-aprendizagem, bem como a importância de usarmos a literatura de autoria negra. A discussão continua no próximo tópico, buscando facilitar ambientes propícios para dar voz às intelectuais negras que discutem a temática e valorizam a literatura produzida por mulheres negras. O objetivo é elucidar o enfoque que orientou a seleção da obra na proposta, revelado no próximo tópico. A proposta, centro desta pesquisa, busca demonstrar e incentivar leituras de mulheres negras brasileiras, mostrando que não somente é possível, mas que também é essencial. Nessa seção e na proposta anexa, apresentaremos amparos legais para a escolha tanto do livro, quanto das atividades com o uso de cartas. E ainda, defender atividades que trabalhem com a memória, o reconhecimento de si e do outro, a compreensão da importância de utilizar a própria voz por meio da escrita. Por fim, as considerações finais destinam-se a expressar as impressões pós pesquisas e evidenciar que apesar de nossa pequenez diante de uma estrutura imensa e violenta, apesar de termos bastante trabalho a fazer, é importante fazermos.

## **Literatura e ensino antirracista**

Carvalho, Hogemann e Justino destacam pensamentos importantes para a discussão da mulher negra no Brasil ao longo do tempo. Eles nos lembram que

o mestre Antonio Candido (2011) ensinava que a literatura é um direito humano porque é um bem indispensável à nossa humanização, vez que a literatura é o que aproxima um ser humano de outro ser humano, assim como o demonstram as inúmeras faces da humanidade e por isso deve ser lida e estudada, haja vista que é um meio para o nosso desenvolvimento enquanto seres humanos. Dessa maneira a literatura estimula e alimenta nossa imaginação. Ela é a essência da humanidade; ela provoca e possibilita o exercício da alteridade uma vez que o coloca no lugar do outro, veste-se de personagens para entrar em cena de uma história que muitas vezes se assemelham com as próprias e outras vezes são os próprios sonhos de um mundo ideal (CARVALHO, HOGEMANN, JUSTINO, 2020, p. 107).

Antônio Candido enfatiza que a literatura desempenha um papel crucial na formação de nossa humanidade, ao nos conectar com outras pessoas, estimular nossa imaginação e proporcionar o exercício da alteridade. Ela é uma fonte de enriquecimento pessoal e cultural, além de contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva e compassiva. Portanto, a literatura não é apenas um mero entretenimento, mas uma parte vital da nossa jornada como seres humanos. A literatura nos coloca no lugar do outro, permitindo-nos vivenciar a vida através de diferentes perspectivas, alimenta nossa imaginação. Ela nos convida a sonhar, a explorar mundos imaginários e a refletir sobre possibilidades, permite-nos explorar a complexidade da condição humana e compreender a diversidade de experiências. É fundamental para o desenvolvimento da empatia e do entendimento intercultural, do pensamento criativo e da expressão artística.

No artigo em que se encontram as palavras acima, a literatura é descrita como um instrumento que pode contribuir para a justiça. Embora não seja um retrato fiel da realidade, ela pode revelar injustiças, desigualdades e questões sociais que merecem atenção, muitas vezes aborda temas complexos e morais, incentivando a reflexão sobre questões de justiça e ética, um meio de promover a tolerância. Ao apresentar diferentes perspectivas e culturas, a literatura pode ajudar a construir pontes de entendimento entre grupos diversos. Ela nos convida a compreender e respeitar visões de mundo diferentes das nossas.

Muitas vezes, as histórias literárias apresentam personagens que desafiam sistemas opressivos, inspirando os leitores a refletir sobre suas próprias vidas e sociedades. A literatura pode ser um meio de resistência contra a opressão e uma fonte de empoderamento. Embora não tenha o poder de mudar instantaneamente a realidade, a literatura pode influenciar o pensamento e as atitudes das pessoas ao longo do tempo. Ela pode inspirar movimentos sociais, mudanças culturais e progresso intelectual. Ela tem o poder de provocar mudanças, incitar a reflexão, inspirar ação e contribuir para a justiça, a tolerância e a humanização. A literatura é um meio

importante para a expressão de ideias, para a resistência e para o avanço da sociedade em direção a um mundo mais justo e compassivo.

“O prazer que uma leitura nos possibilita pode ser um ponto de partida” diz Helder Pinheiro no livro organizado por ele, de nome “Pesquisa em literatura”. Para nós, professores de literatura, a paixão pela arte literária talvez tenha sido natural, espontânea, ou tenha sido fruto do belo trabalho de professores em nos apresentar esse maravilhoso universo. Profissionais que podem ter se questionado a respeito do sistema educacional, talvez pensando “como estou dando aula? Os alunos percebem que a literatura é um valor para mim? Que leituras estou propondo? Que sentidos estou atribuindo aos textos que leio?” (Pinheiro, 2011, p. 22). Proponho pensarmos nessas e em outras questões para um trabalho mais amplo, profundo e efetivo com a literatura, que possa quebrar com o modelo tradicional de ensino que contribui pouco para a formação dos leitores, “é preciso realizar experimentos com os mais diferentes gêneros literários a fim de que se possa ter o que oferecer metodologicamente, para avançar diante do quadro atual” (Pinheiro, 2011, p. 39-40).

De acordo com José Edilson de Amorim, em seu capítulo no livro citado acima, o trabalho com a literatura envolve algumas etapas importantes como analisar, interpretar e compreender, onde “a interpretação é um trabalho de leitura em que as pessoas empenham o pensamento e os sentimentos, a razão e a afeição; é uma atividade ligada às necessidades de sobrevivência e de organização da experiência vivida” (Amorim, 2011, p. 72). Precisamos englobar todos os elementos possíveis durante a leitura de um texto, auxiliando os alunos a estabelecerem relações entre o que leram e sua vida prática, entre as personagens e eles mesmos, entre as metáforas e as literalidades. Trabalhem com o texto como peça central de nossas aulas e, então, mobilizaremos conhecimentos e sentidos possíveis. Em seu texto *Aprendendo a aprender a cultura popular*, também incluso na obra citada acima, Maria Ignez Novais Ayala nos traz uma importante verdade ao dizer que “o ato de usar a escrita como apoio da memória oral é procedimento que permite a seguinte avaliação: aqueles que participam do universo da cultura popular têm consciência de que a escrita é um poderoso instrumento” (Novais, 2011, p. 127). A escolha em intervir por meio de produções textuais dos alunos pode ser riquíssima e surpreendente.

Compreender a estrutura racista institucional, em campos como mercado de trabalho, meio acadêmico, cânone literário, sistema político e outros, é vital para passarmos a construir uma atitude de fato antirracista, o que vai além de não reproduzir falas racistas, por exemplo. Também, compreender a desigualdade de gênero nas mesmas áreas nos coloca em posição de significativa luta. Questionar nossas escolhas é fundamental. E é aqui que propomos pensar em nossos planos de aula, nossas preferências por certos autores e obras literárias e a forma com que

os trazemos para o ensino de literatura. Cida Bento mostra a realidade majoritária no sistema de ensino brasileiro, onde existem

Professoras e gestoras brancas, brinquedos e livros didáticos, planos de aula, projetos político-pedagógicos que dialogam exclusivamente com a branquitude. É na organização da instituição, ao longo da história, que se constrói a estrutura racista. É na escolha exclusiva de perspectivas teóricas e metodológicas eurocêntricas que se manifesta a branquitude. Elementos da cultura negra e indígena, quando presentes no currículo, não são reconhecidos como tais ou são estigmatizados. (Bento, 2022, p. 78)

Não são raras as ocasiões em que os pais discordam das escolhas por literaturas negras e indígenas, basta conversarmos com professores em nossa comunidade ou fazer uma breve pesquisa e encontraremos diversos casos que demonstram o racismo estrutural de forma velada. Situações assim podem acabar por desmotivar-nos. Contudo, ser antirracista é imprescindível e inegociável. Cabe a nós professores conhecermos as leis aqui já citadas e tantas vozes negras que mostram a urgência da temática, bem como desenvolver competências e habilidades para realizar a escolha e adequação ao ano de ensino de forma eficaz.

Conforme Ribeiro, “um ensino que valoriza as várias existências e que referencia positivamente a população negra é benéfico para toda a sociedade” (Ribeiro, 2019, p. 41) e, por meio do ensino de literatura, podemos enriquecer o conhecimento cultural de nossos alunos, apresentar a história humana por outras perspectivas, analisar a subjetividade da pessoa negra e ouvi-la. O termo *epistemicídio* é traduzido como “apagamento sistemático de produções e saberes produzidos por grupos oprimidos” (Ribeiro, 2019, p. 61) e é algo que podemos perceber durante a maior parte de nossa formação, onde raramente somos apresentados a mulheres negras escritoras.

Adichie divide seu processo de formação como escritora, contando sobre como em sua infância só havia lido livros estrangeiros e como essa seleção se refletia em sua escrita desde os anos iniciais, onde ela escrevia histórias baseadas nas que havia lido, por mais que apresentasse uma cultura completamente oposta a sua. Ela conta que

Todos os personagens eram brancos de olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçãs e falavam muito sobre o tempo e sobre como era bom o sol ter saído. Escrevia sobre isso apesar de eu morar na Nigéria. Eu nunca tinha saído do meu país. Lá não tinha neve, comíamos mangas e nunca falávamos sobre o tempo, porque não havia necessidade. (Adichie, 2019, p. 12)

Percebemos a importância da representatividade na literatura quando lemos falas assim e descobrimos que situações semelhantes são mais comuns do que imaginamos e ela mesma confirma ao dizer “tudo mudou quando descobri os livros africanos [...] minha percepção da literatura passou por uma mudança.” (Adichie, 2019, p. 13). Além disso, compreendemos o perigo de uma história única, fato dependente das relações de poder estabelecidas ao longo dos anos que privilegiam a massa de homens brancos, “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos” (Adichie, 2019, p. 26), “ela rouba

a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum” (Adichie, 2019, p. 27-28). Existem sempre outras possibilidades de olhar para o outro e para nós mesmos, outras histórias que muitos de nós desconhecemos sobre o povo negro e suas inúmeras culturas no Brasil, nos países africanos e em outros locais.

Conforme Nilma Lino Gomes, no prefácio do livro *Como ser um educador antirracista*, escrito por Bárbara Carine, “a diversidade deve ser celebrada, principalmente no currículo e nas práticas escolares. Essa perspectiva rompe com a ideia de um currículo fechado, eurocentrado, homogêneo” e precisamos enquanto docentes “construir uma organização curricular que se abre às múltiplas formas de ser e de existir” para que possamos educar “para a emancipação, e não para o conformismo” (Gomes, 2023, p. 14). Outro ponto importante para pensarmos nas escolhas literárias que norteiam nossos planejamentos de aulas de literatura é pensarmos na noção de representatividade, como disse Carine em seu livro, “onde a gente não se vê, a gente não se projeta” (Carine, 2023, p. 20). Ela promove a construção da autoestima, favorece a noção de pertencimento, além de impulsionar a igualdade e a justiça por meio da valorização das individualidades. Se sentir representado abre espaço para que o aluno possa imaginar as milhares de possibilidades que ele próprio poderá possuir, se sentindo parte da sociedade em que reside. Dessa forma, ouviremos as vozes negras e respeitaremos a visibilidade das mais diversas realidades, culturas, perspectivas raciais, auxiliando os estudantes a se sentirem pertencentes e reconhecerem seu direito de se expressar.

Bárbara nos lembra que “professores e professoras também auxiliam no desenvolvimento humano no âmbito coletivo” e “a escola se torna, desse modo, uma relevante via de continuidade histórica” e “aprender um conhecimento específico está para além do aparente da especificidade, está para além do mero conteúdo: esse processo desenvolve nossa humanidade em nós”, de forma que ensinar literatura vai além de mediar conhecimentos estruturais, mostrar as aplicações de regras teóricas, falar sobre os livros que serão cobrados no vestibular etc. É necessário pensarmos em uma formação ampla de nossos alunos, usando nosso espaço de privilégio para incentivar a pluralidade e estimular sentimentos como empatia, amor, solidariedade, respeito, bondade.

No passado, a educação era predominantemente voltada para a elite social, caracterizada por uma abordagem acadêmica e aristocrática, apenas as classes privilegiadas tinham acesso à educação formal, e essa educação era fortemente influenciada por valores tradicionais e intelectuais. A educação popular, que atendia às necessidades da maioria da população, muitas vezes era negligenciada. Isso sugere uma disparidade educacional significativa entre a elite e o público em geral. A transformação na estrutura e organização da sociedade começou a abalar essa ordem educacional estabelecida. Com a percepção de que a antiga estrutura social estava começando a se desfazer, a educação passou a se orientar em direção a novos caminhos, com uma

maior ênfase na democratização da educação, na promoção da educação popular e no atendimento às necessidades de uma gama mais ampla de estudantes. “Hoje pode-se afirmar que a educação é a chave de libertação do pobre, da mulher, do negro e, principalmente a direção de uma sociedade mais igualitária e menos violenta.” (CARVALHO, HOGEMANN, JUSTINO, 2020, p. 111).

Mesmo assim, a representação da mulher negra na literatura ao longo da história foi moldada por escritores brancos, que frequentemente a reduzem a estereótipos e a funções socialmente atribuídas, muitas vezes explorando temas como sedução, beleza e resistência física, suas representações eram simplificadas e baseadas em características superficiais, em vez de explorar sua complexidade como indivíduos. Notamos, então, a necessidade de questionar e reinterpretar as representações tradicionais da mulher negra na literatura, tornando possível que elas tenham voz, agência e complexidade em suas histórias. Isso envolve reconhecer e superar os estereótipos e preconceitos que historicamente permearam essas representações,

necessário se faz "descolonizar o eu", o que representa um longo caminho e tremendo esforço de várias fases, que inicia com refletir a respeito das consequências do racismo sobre o afrodescendente escritor ou escritora. Significa necessariamente interromper o processo ilógico, mas que se estabeleceu como uma permanência histórica que leva o negro ou a negra a ter de se explicar para os brancos por seu existir enquanto tal e culmina com a pessoa negra revelando-se como sujeito em sua plenitude. (Carvalho, Hogemann, Justino, 2020, p. 116)

Essa reflexão destaca a importância de desafiar as estruturas coloniais, que historicamente marginalizaram as vozes e as experiências das pessoas negras, e permite que elas se afirmem como sujeitos autênticos, contadores de suas próprias histórias e criadores de suas narrativas. É um processo de empoderamento e afirmação da identidade e da cultura afrodescendente na literatura e na sociedade em geral. O processo de "descolonizar o eu" é um caminho que leva a pessoa negra a se revelar como sujeito em sua plenitude, afirmar-se como indivíduo completo, com voz, agência e capacidade de contar suas próprias histórias, em vez de ser definido por outros. Reconhecer as consequências do racismo sobre o escritor ou escritora afrodescendentes é o primeiro passo. Isso envolve compreender como o racismo estrutural afeta a forma como as pessoas negras são vistas e tratadas na sociedade, é crucial para o entendimento do processo de emancipação e empoderamento dos negros, especialmente na literatura.

### **O ensino antirracista com as literaturas de mulheres negras brasileiras**

Historicamente, a figura feminina foi pouco representada na literatura brasileira devido aos moldes educacionais e culturais que priorizavam o gênero masculino. Mulheres enfrentaram barreiras significativas para acessar a educação e o espaço literário. Essa ausência de

representação literária feminina reflete a desigualdade de gênero na sociedade brasileira. A escravidão e a falta de acesso a direitos básicos durante séculos deixaram marcas profundas na comunidade negra. Na literatura, essa situação se traduz em uma histórica falta de representação e visibilidade para autores e personagens negros. As vozes e experiências negras foram sistematicamente silenciadas e apagadas.

Essa dupla marginalização é um reflexo da estrutura opressiva que historicamente permeou a sociedade brasileira. Reconhecer essas barreiras é essencial para promover uma literatura mais inclusiva e diversificada, em que todas as vozes tenham a oportunidade de serem ouvidas e representadas, independentemente de gênero e raça. O sofrimento e a injustiça que marcaram a história das mulheres negras no Brasil são, de fato, difíceis de serem compreendidos em sua totalidade. Essas mulheres foram submetidas a condições desumanas, privadas de seus direitos básicos, exploradas e marginalizadas em todos os aspectos da sociedade. Seus corpos foram objeto de exploração e violência, enquanto suas vozes e experiências foram sistematicamente silenciadas e desconsideradas. Essa história de sofrimento e injustiça é um testemunho das profundas desigualdades raciais e de gênero que ainda persistem e exigem uma resposta urgente e transformadora.

Quando algumas mulheres negras conseguem superar essas barreiras e acessar a educação, torna-se uma conquista notável e um testemunho de sua resiliência e determinação. Essas mulheres, ao obterem educação institucionalizada, têm a oportunidade de quebrar o ciclo de opressão e injustiça que historicamente as afetou. Elas podem usar o conhecimento como uma ferramenta de empoderamento, tanto para si mesmas quanto para suas comunidades. Além disso, ao contarem suas próprias histórias e experiências, elas contribuem para a diversificação da literatura e da produção cultural, trazendo à tona perspectivas que anteriormente estavam ausentes.

A educação é um caminho para a emancipação e a transformação social, e quando mulheres negras conseguem acessá-la, elas se tornam agentes de mudança e esperança, desafiando as estruturas que historicamente as oprimiram. Portanto, é essencial reconhecer e apoiar essas conquistas e lutar por um sistema educacional mais inclusivo e equitativo para todas as mulheres negras.

A paixão pela escrita e pela literatura, aliada à dor e às lutas enfrentadas pelas mulheres negras, desempenha um papel fundamental na transformação da sociedade. Elas não apenas compartilham suas histórias singulares e marcadas por desafios, mas também usam sua paixão e voz para inspirar outras mulheres, sejam adultas ou crianças, a buscarem igualdade de gênero e racial. Essas mulheres se tornam modelos de resistência e superação, mostrando que é possível romper com a exploração, humilhação e padrões europeus impostos ao longo da história. Elas desafiam estereótipos e preconceitos, demonstrando que a cor da pele não define caráter,

capacidade, beleza ou potencial de crescimento. Esse conhecimento é um lembrete poderoso de que a força interior e a paixão pela mudança podem ser catalisadoras para um futuro mais justo e igualitário.

Ao compartilharem suas experiências e lutas por meio da literatura, essas mulheres negras contribuem para a conscientização e o empoderamento de suas comunidades e da sociedade em geral. Elas iluminam um caminho de esperança e transformação, demonstrando que a mudança é possível quando se luta por um mundo que valoriza a diversidade e respeita a dignidade de todas as pessoas, independentemente de sua raça ou gênero.

A literatura, especialmente quando abordada a partir de uma perspectiva antirracista, pode desempenhar um papel fundamental no questionamento desses valores e na promoção da igualdade. Ela nos permite explorar e compreender diferentes realidades e perspectivas, desafiando estereótipos e preconceitos enraizados. A literatura de autoria de mulheres negras brasileiras é uma fonte poderosa para abordar a história e a cultura negro-brasileira, bem como para desafiar visões eurocêntricas e patriarcais. Ao incluir essas obras no ensino de literatura, que oferece uma riqueza de perspectivas, estamos ampliando o repertório cultural e literário dos alunos, proporcionando uma visão mais plural e crítica da sociedade e contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e engajados na luta contra o racismo.

Além disso, é fundamental que nós, enquanto professores, abordemos a interseccionalidade entre gênero e negritude, reconhecendo que as mulheres negras enfrentam desafios únicos e muitas vezes são marginalizadas tanto por sua raça quanto por seu gênero. Ao trazer essas vozes intelectuais para a sala de aula, estamos dando visibilidade a uma parcela da população que por muito tempo foi silenciada e ignorada.

A teoria da interseccionalidade, cunhada por Kimberlé Crenshaw em 1989, surge como uma crítica ao feminismo que tratava raça e gênero como categorias mutuamente exclusivas. Crenshaw argumenta que essa abordagem obscurecia as experiências das mulheres negras, que enfrentavam discriminação tanto racial quanto de gênero. Ela propõe uma análise que reconheça a interação entre diferentes formas de opressão, afirmando que as experiências das pessoas marginalizadas são multidimensionais. Nesse contexto, a interseccionalidade visa garantir políticas e análises que abordem as diversas formas de discriminação enfrentadas pelos grupos marginalizados, destacando a importância de começar pelo setor mais desfavorecido dentro desses grupos.

Mulheres negras brasileiras que podem ser lidas pelos alunos conforme as aulas voltadas para o ensino de literatura: Maria Firmino dos Reis, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Mel Duarte, Ryane Leão, Jarid Arraes, Cidinha da Silva, Esmeralda Ribeiro, Mirian Alves, Cristiane Sobral, Sueli Carneiro, Alzira Rufino, Geni Guimarães, Bianca Santana, Lélia Gonzales,

entre tantas outras do passado e na contemporaneidade. Quanto mais pesquisarmos, mais poderemos ouvir essas vozes importantes para a luta antirracista. Além disso, há diversas outras mulheres negras produtoras de literaturas de outras nacionalidades, como Noémia de Souza e Paulina Chiziane que são moçambicanas, Alice Walker, Maya Angelou e bell hooks que são norte-americanas e Chimamanda Ngozi Adichie, nigeriana.

O termo *escrevivência* foi criado e utilizado por Evaristo, que nos mostra a poderosa força de escrever a partir de suas vivências. Tal ato é ainda mais importante quando pensamos na forma com que as mulheres, sobretudo as negras, vêm sendo silenciadas e violentadas, inclusive no âmbito da produção literária. Se há um tempo as mulheres mal tinham controle sobre seus corpos, que dirá ter direito a opiniões e expô-las ao mundo. E mesmo que algumas conseguissem, apesar de tudo, escrever, muitas vezes elas teriam de usar heterônimos masculinos ou corriam o risco de sofrer apagamento. Por meio da literatura, elas encontram espaço para falar sobre suas dores, trazer suas percepções do mundo, construir estilos literários, expressar-se esteticamente, produzir literatura.

Em sua fala, Evaristo mostra a importância e urgência da temática ao dizer “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”. (Evaristo, 2020, s/p) É vital pensarmos sobre como as mulheres negras têm sido silenciadas ao longo da história em nosso país e na importância das vozes potentes de autoras posteriores para repensar seus papéis na produção literária. Lê-las é um ato importantíssimo, além de contribuir para a ampliação de nossa visão da sociedade e das dores do outro, bem como ir contra a tendência hegemônica eurocêntrica racista e patriarcal, conhecendo visões de mundo, a partir de lugares não privilegiados. Conceição também diz que

A Escrevivência poderia se aproximar da afirmativa de Clarice de que a aprendizagem da escrita está no mundo; entretanto guardando distâncias, muitas talvez. “Escrever é dominar o mundo”, assevera Clarice. A mexicana Frida Kahlo diz que é como se ela pintasse a si própria, a realidade. Também com a Frida, uma aproximação cautelosa poderia ser tentada para emparelhar Escrevivência com “o pintar a si próprio, a realidade”. Entretanto, creio que a similitude entre Escrevivência e a autorreflexão de uma e de outra tende mais a se distanciar do que a se cruzar. (Evaristo, 2020, p. 35)

Como educadores, devemos reconhecer nosso lugar de privilégio e utilizá-lo para ler, estudar e apresentar tantas mulheres que nos mostram a importância da escrita e do uso da própria voz. Mostrando a potencialidade da leitura e também do protagonismo por meio da escrita, assim como Evaristo ao dizer

Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também, desde aquela época, abarcava essas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. (Evaristo, 2020, p. 54)

Lélia Gonzalez disse que “o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre as mulheres negras em particular” (Gonzalez, 1984, p. 224). Discorrer sobre a opressão enfrentada pela mulher latino-americana significa abordar uma abstração que obscurece, destaca e negligência a árdua realidade experimentada por inúmeras mulheres que sofrem as consequências significativas por não serem brancas, fato que também nos coloca para averiguar nosso repertório, observar nossas escolhas e refletir criticamente em nosso papel diante dessa intolerável e inaceitável realidade.

Djamila Ribeiro, autora escolhida para ser lida na sequência didática criada neste trabalho, é uma das mais importantes vozes negras da atualidade. Em sua obra *Pequeno Manual Antirracista*, ela nos leva didaticamente a pensar no que sabemos sobre o racismo, a negritude, os privilégios da branquitude, o racismo internalizado em cada um de nós. Além disso, traça um ensinamento poderoso ao mostrar que devemos apoiar políticas educacionais afirmativas, transformar nosso ambiente de trabalho, ler autores negros, questionar a cultura que consumimos, combater a violência racial e de fato, sermos antirracistas.

Ribeiro evidencia a necessidade de um debate estrutural, pensando em como nosso sistema beneficia a branquitude ao longo da história, enquanto a população negra desde que chegou ao Brasil – por meio do massacre ocorrido durante a escravidão – é tratada como mercadoria. O racismo é um processo que se estruturou e segue negando direitos, gerando opressão e forte violência. Devemos “aprender com a história do feminismo negro, que nos ensina a importância de nomear as opressões, já que não podemos combater o que não tem nome. Dessa forma, reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo” (Ribeiro, 2019, p. 21).

Como outras autoras, ela também aponta para os reflexos causados pelas escolhas de literaturas nas escolas, onde as culturas europeias são majoritariamente ensinadas como superiores. Djamila Ribeiro nos lembra que “ter consciência da prevalência branca nos espaços de poder permite que as pessoas se responsabilizem e tome atitudes para combater e transformar o perverso sistema racial que estrutura a sociedade brasileira” (Ribeiro, 2019, p. 35).

É importante reconhecer que a educação antirracista não se limita apenas à inclusão de obras de autores negros no currículo. Ela também envolve uma reflexão crítica sobre as práticas educacionais, os discursos e as representações presentes no ambiente escolar. Nós, enquanto professores de literatura, temos a responsabilidade de criar um ambiente inclusivo e seguro, onde o diálogo sobre o racismo e suas implicações seja incentivado, e onde os alunos possam desenvolver uma consciência crítica e uma compreensão mais profunda das questões raciais.

Grada Kilomba, em seu livro *Memórias da plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*, aborda questões relacionadas ao racismo e ao colonialismo, explorando experiências cotidianas

de discriminação e racismo que as pessoas negras enfrentam. Ela utiliza uma abordagem interdisciplinar que combina elementos de literatura, psicologia, teatro e performance para criar uma narrativa que explora a memória, a linguagem e as relações sociais. A autora utiliza uma série de episódios do cotidiano para analisar como o racismo opera em diferentes contextos, desde situações aparentemente banais até aquelas mais explicitamente marcadas pela discriminação racial. Kilomba faz uso de um estilo literário inovador incorpora elementos de narrativa, poesia e ensaio, criando uma obra que desafia as convenções tradicionais de escrita acadêmica.

Kilomba nos lembra da ausência da voz do colonizado e mostra como isso implica na dificuldade de recuperar tal voz porque não há espaços para que possam falar. Questionar essa ausência de vozes colonizadas pode ajudar a revelar as distorções na história e abrir espaço para perspectivas não coloniais. Enquanto professores, podemos pensar em exercícios que promovam a visualização e compreensão do conhecimento dessas questões e sua relação com o poder e a autoridade racial, além de procurar utilizar literaturas que não mantenham o privilégio branco e dando voz às tantas mulheres negras que temos. Grada explicita a existência dessas vozes quando diz

Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se especialistas em nossa cultura, e mesmo em nós. (Kilomba, 2019 p. 51)

Mirian Santos (2021) destaca a importância de considerar as relações de poder no contexto do conhecimento e do saber, especialmente no que diz respeito à produção das mulheres negras. Tal consideração implica reconhecer que o conhecimento historicamente tem sido moldado por estruturas de poder que muitas vezes marginalizam vozes e perspectivas não hegemônicas. Portanto, para uma compreensão mais abrangente e justa, é fundamental estabelecer novos parâmetros e concepções que valorizem e deem espaço à produção intelectual das mulheres negras.

Esse reconhecimento da importância de novos parâmetros e concepções na leitura da produção das mulheres negras está ligado à necessidade de superar o viés histórico que as excluiu e desvalorizou. Ao considerar essas vozes, estamos dando um passo em direção a uma representação mais equitativa e justa do conhecimento e da diversidade de perspectivas que existem na sociedade, além de fugirmos de representações de personagens estereotipados. Há a necessidade de uma nova configuração da literatura e de movimentar o cânone literário escutando outras vozes. Publicar ainda é um desafio para escritoras negras, então é imprescindível ao professor antirracista apoiar e divulgar canais de produção e publicação da literatura negro-brasileira, bem como utilizá-la em suas aulas.

A literatura escrita por mulheres negras desempenha um papel fundamental na representação, empoderamento e defesa das questões das mulheres negras, coloca em foco as principais questões, desafios e lutas enfrentados por mulheres negras na sociedade contemporânea, o que inclui questões relacionadas à igualdade de gênero, racismo, sexismo e outras formas de discriminação. Essa literatura desempenha um papel crucial ao dar visibilidade às culturas africanas e negro-brasileiras. Esse trabalho com a literatura ajuda a preservar e celebrar as tradições culturais e históricas dessas comunidades, contribuindo para uma compreensão mais rica da diversidade cultural brasileira. Também, denuncia a marginalização e a subalternização do povo negro. Ela expõe as injustiças, desigualdades e discriminações que as comunidades negras enfrentam e desafia essas estruturas opressivas.

A literatura é vista como um espaço de força, resistência, afirmação da identidade e denúncia das injustiças. Ela capacita as autoras a compartilhar suas experiências, lutas e histórias, ao mesmo tempo em que fortalece a autoestima e a consciência de suas comunidades. As mulheres negras literatas estão reivindicando o reconhecimento e espaço intelectual para suas obras e contribuições à literatura brasileira, refletindo a necessidade de superar a exclusão histórica das vozes negras na literatura e nas esferas intelectuais.

A descolonização implica em questionar e superar a influência persistente do pensamento colonial e eurocêntrico na definição de intelectualidade e nas estruturas de poder, considerar perspectivas, conhecimentos e vozes que foram historicamente marginalizados e sub-representados. Desandrogonizar refere-se a superar a associação histórica da intelectualidade com o gênero masculino, reconhece que as mulheres e pessoas de gênero diverso também são intelectuais e têm contribuições valiosas para fazer em diversos campos, incluindo a literatura. O que envolve desafiar a ideia de que apenas a perspectiva europeia é válida e central, deslocando o foco do "centro do mundo" e abrindo espaço para múltiplas vozes e experiências.

A literatura negra é vista como tendo um caráter transgressor, desafiando as normas estabelecidas e pedagógico, ou seja, com potencial educativo e formativo. Além disso, é destacada a importância de que essa literatura não seja limitada ao ambiente acadêmico, mas que alcance um público mais amplo, contribuindo para uma mudança na sociedade. Cabe a nós professores promovermos reflexão sobre a literatura negra, reconhecendo seu poder de desafiar normas sociais, de ser pedagógica e transformadora, e enfatiza a importância de dar visibilidade a intelectuais negras que contribuíram significativamente para essa literatura.

A expressão "reverter os silêncios em palavras" (SANTOS, p. 73) significa dar voz, visibilidade e expressão a experiências, histórias, culturas e perspectivas que foram historicamente negligenciadas, oprimidas ou silenciadas. Essa ideia é particularmente relevante quando se trata de grupos ou comunidades que enfrentam discriminação, marginalização ou

invisibilidade, permitindo que as pessoas que foram ignoradas, subjugadas ou oprimidas compartilhem suas próprias experiências, sentimentos e perspectivas. Essa ação é essencial para reconhecer a diversidade de vozes e histórias dentro de uma sociedade. Garantir que diferentes grupos, incluindo aqueles que foram historicamente sub-representados, estejam representados em várias esferas, como literatura, arte, mídia, política e educação. A representatividade é fundamental para garantir que todas as vozes sejam ouvidas.

Reverter os silêncios em palavras é um reconhecimento da riqueza da diversidade humana. Valorizar essa diversidade e entender as várias perspectivas contribui para uma sociedade mais justa e inclusiva. O ato de compartilhar histórias e experiências ajuda a construir empatia e compreensão entre diferentes grupos. Uma educação que promova a leitura, discussão e disseminação de obras escritas por mulheres negras é um ato poderoso que busca combater a marginalização, promover a justiça social e garantir que todas as vozes sejam ouvidas, respeitadas e valorizadas. É um passo importante em direção a uma sociedade mais igualitária e inclusiva.

A passagem “uma escrita-liberdade ecoa dos gritos antes agarrados em gargantas diaspóricas, vozerio aproximado por um lugar de intersecção atravessado pela tríade, gênero, raça e classe – e também pela dororidade, pois contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo racismo” (PIEIDADE, 2017, apud SANTOS, 2021, p. 73) é rica em significados e refere-se a uma escrita que ecoa dos gritos anteriormente reprimidos nas experiências diaspóricas. O termo Escrita-Liberdade refere-se a uma forma de expressão escrita que proporciona liberdade. É a capacidade de dar voz às experiências e aos sentimentos que antes estavam sufocados ou reprimidos. Os "gritos diaspóricos" são as expressões e experiências daqueles que foram dispersos de suas terras de origem, muitas vezes devido à escravidão, migração forçada ou diásporas culturais. Esses "gritos" representam as vozes daqueles que sofreram essas experiências. A tríade se refere às interseções complexas de identidade que moldam as experiências das pessoas, inclui seu gênero, raça e classe social. A interseccionalidade reconhece que essas categorias não podem ser separadas e que as pessoas experimentam o mundo de maneira única com base nessas identidades. A "dororidade" é um termo que combina "dor" e "sororidade" (solidariedade entre mulheres), a união e a compreensão entre as pessoas que compartilham experiências semelhantes de discriminação ou opressão, como o racismo, são fundamentais para superar essa dor. A escrita-liberdade busca liberar essas vozes silenciadas.

Mais uma vez, percebemos que a escrita é uma ferramenta poderosa para enfrentar o silenciamento, expressar a dor e promover a solidariedade entre aqueles que compartilham experiências semelhantes. “Observa-se que a literatura de autoria feminina negra extrapola o individual, abrangendo uma escrita coletiva. Ou seja, ela parte de uma subjetividade, mas abarca uma subjetividade coletiva diaspórica.” (SANTOS, 2021, p. 74), a literatura vai além das

experiências e das histórias de uma única pessoa. Ela transcende o individual para representar experiências compartilhadas por um grupo mais amplo. Embora a literatura possa começar com a subjetividade de uma autora individual, ela se conecta a uma subjetividade coletiva que é moldada por experiências diaspóricas. Essa afirmação de Santos (2021) destaca a importância da literatura de autoria feminina negra como uma forma de representação que vai além do indivíduo e abrange experiências compartilhadas por mulheres negras. Essa literatura desempenha um papel fundamental na expressão e na compreensão das complexas identidades e experiências do grupo e oferece uma voz coletiva para as mulheres negras na sociedade. Ela pode ser vista como um meio de resistência, expressão e afirmação cultural.

A literatura negro-brasileira escrita por mulheres é um meio poderoso de redefinir narrativas e a compartilhar experiências que anteriormente foram subestimadas ou distorcidas. Ela oferece uma representação autêntica, plural e rica das realidades das mulheres negras no Brasil e contribui para a construção de uma narrativa mais inclusiva e precisa da sociedade brasileira. Obras que abordam questões relacionadas ao racismo e à discriminação racial ajudam todos os alunos a desenvolver uma compreensão mais profunda das experiências dos outros e a cultivar empatia em relação às lutas e desafios enfrentados por diferentes grupos raciais.

A entrevista “Mulheres negras na literatura” com a escritora e pesquisadora Neide Almeida, realizada pelo portal CENPEC em 2021, fomenta essa importante discussão tanto nas perguntas, quanto nas respostas. Almeida nos lembra um dos enfrentamentos que os docentes possuem ao trabalhar com essas literaturas ao dizer que o “acervo de mulheres negras, brasileiras e não brasileiras, ainda que importante, é muito pequeno. Principalmente se pensarmos na quantidade de mulheres que vêm escrevendo há tanto tempo e que não foram publicadas e não são conhecidas”. No entanto, lembra-nos também da importância desse trabalho, por exemplo após ser perguntada sobre como o contato com autoras negras a influenciaram, Almeida responde que “Elas trouxeram outra dimensão de linguagem e de metáforas que passaram a compor meu repertório. Aos poucos eu fui compreendendo que não se trata só do discurso na materialidade, e sim de uma forma de estar no mundo.”

A ausência das vozes e perspectivas das mulheres negras na literatura e na educação é, de fato, uma lacuna grave e prejudicial. Essas autoras oferecem uma visão única e valiosa sobre a sociedade e as questões que afetam a todos. Suas experiências, lutas e conquistas são cruciais para entender a complexidade das relações raciais, de gênero e sociais.

Integrar as obras e vozes de mulheres negras no currículo educacional é uma forma de enriquecer o aprendizado, promovendo a diversidade e a representatividade, não apenas ajudando a preencher as lacunas históricas, mas também capacitando os estudantes a desenvolver empatia, compreender melhor o mundo e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e

inclusiva. Portanto, a discussão sobre a inclusão das autoras negras é de extrema importância, e sua presença nos currículos é um passo essencial para uma educação mais equitativa e esclarecedora. Essas autoras não apenas enriquecem a literatura e a cultura, mas também ampliam nossa compreensão das experiências humanas em toda a sua diversidade e complexidade.

A inclusão sistemática, extensa e intensa da produção das autoras negras nos currículos escolares é uma necessidade urgente e fundamental, não só garantindo que as vozes e perspectivas das autoras negras sejam ouvidas e valorizadas, mas também contribuindo para combater o racismo sistêmico, promover a diversidade e a igualdade racial, e empoderar as gerações futuras. A presença significativa da literatura das autoras negras nas escolas não só educa os estudantes sobre a rica contribuição dessas autoras para a literatura e a sociedade, mas também capacita os jovens a entender, respeitar e celebrar a diversidade cultural. É necessário continuar pressionando por mudanças nos currículos escolares e na política educacional, para garantir que as autoras negras tenham o reconhecimento e a visibilidade que merecem.

Em conclusão, a literatura escrita por mulheres negras oferece uma riqueza de perspectivas e narrativas que são fundamentais para uma educação antirracista e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ao incluir essas obras no ensino de literatura, estamos ampliando o repertório dos alunos, promovendo a empatia, o entendimento e a valorização da diversidade.

### **Proposta didática**

Neste artigo, destinado a professores e professoras em formação ou já formados que se interessem pelo ensino antirracista, proponho a sequência didática que se encontra em anexo prevista para o 9º (nono) ano do Ensino Fundamental da Educação Básica. Nela, utilizei a obra “Cartas para minha avó”, escrito por Djamilia Ribeiro e publicado em 2021, para acionar os conceitos e as reflexões explicados acima. O foco é a leitura literária por meio do gênero carta. Lembrando que é apenas uma ideia e que precisa ser adaptada ao contexto em que for ser aplicada. A interseção entre a análise do gênero enquanto expressão literária e a discussão sobre representatividade e história pode se revelar uma abordagem pedagógica enriquecedora. Além disso, a proposta de incorporar competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) mostra uma integração significativa das práticas educacionais.

Djamila Ribeiro é uma intelectual, filósofa, professora, escritora e ativista brasileira, conhecida por seu trabalho na promoção dos direitos das mulheres, igualdade racial e justiça social. Ela nasceu em 1980 em Santos, São Paulo e é uma das vozes mais influentes e respeitadas

quando se trata de questões relacionadas à interseccionalidade de gênero e raça no Brasil. Ela se formou em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e obteve o mestrado em Filosofia Política pela mesma instituição. É autora de diversos livros, incluindo “Quem Tem Medo do Feminismo Negro?”, “Pequeno Manual Antirracista” e “Cartas para minha avó”, que usaremos nessa proposta.

Além de seu trabalho como autora e palestrante, Djamila também atuou como secretária adjunta de Direitos Humanos e Cidadania do município de São Paulo, onde trabalhou na promoção de políticas públicas voltadas para a igualdade racial e de gênero. Ela também é conhecida por seu ativismo nas redes sociais, onde compartilha informações e perspectivas importantes sobre questões de justiça social, sendo uma figura influente e inspiradora, cujo trabalho tem sido fundamental para promover a conscientização sobre as desigualdades e a necessidade de ação para alcançar uma sociedade mais justa e inclusiva no Brasil.

A literatura não se limita apenas a romances ou poesias; cartas, diários, ensaios e outros tipos de escritos também são considerados literatura quando apresentam elementos artísticos, estilísticos que vão além da simples função informativa ou documental. No livro “Cartas para minha avó”, as cartas de Ribeiro refletem seu estilo, pertencimento e luta por igualdade, visão de mundo, experiências e habilidades literárias, o que as torna parte do domínio da literatura. Além disso, o livro trata de questões sociais e culturais importantes, tornando-o relevante tanto do ponto de vista literário quanto social. A obra é uma coletânea de cartas em que a autora se dirige a sua avó, uma mulher negra e nordestina que exerceu grande influência em sua vida. Nas cartas, Djamila aborda diversos temas, como sua infância, memórias familiares, a questão racial, o feminismo, a literatura e a importância da representatividade.

Ela destaca a relevância de conhecer e valorizar a própria história e ancestralidade, bem como o papel da escrita na preservação de memórias e na promoção do ativismo social, combinando elementos de literatura, memórias pessoais e ensaio, proporcionando uma leitura intimista e reflexiva sobre as complexidades das experiências negras no Brasil e as lutas por justiça, igualdade e representatividade. A autora demonstra como a escrita pode ser uma ferramenta poderosa para ampliar vozes marginalizadas e promover mudanças na sociedade. Cada carta aborda temas específicos e funciona como uma reflexão independente, tornando a leitura fluida e pessoal.

Dentro dessas cartas, a autora aborda temas como racismo, feminismo, educação, literatura, cultura e identidade negra. Ela também discute suas influências e referências intelectuais, destacando a importância da representatividade na formação de sua própria visão de mundo. Embora o livro não seja estruturado em capítulos tradicionais, ele oferece uma visão íntima e profunda das reflexões de Djamila Ribeiro, proporcionando ao leitor a oportunidade de

explorar diferentes aspectos da sua trajetória e das questões sociais que a inspiram. Cada carta é uma janela para a mente da autora e para as complexidades das experiências negras no Brasil.

A sequência didática proposta aqui mescla o estudo do gênero com a discussão sobre a escrita da mulher negra e as questões por ela embricadas. A ideia original é fundamentar o pensamento crítico, a partir do texto e, assim, fixar os aspectos do gênero escolhido, pensando no que vemos na área de língua portuguesa e literatura, presente na Base Nacional Comum Curricular, onde lemos que

A formação desse leitor-fruidor exige o desenvolvimento de habilidades, a vivência de experiências significativas e aprendizagens que, por um lado, permitam a compreensão dos modos de produção, circulação e recepção das obras e produções culturais e o desvelamento dos interesses e dos conflitos que permeiam suas condições de produção e, por outro lado, garantam a análise dos recursos linguísticos e semióticos necessária à elaboração da experiência estética pretendida.

Aqui também a diversidade deve orientar a organização/progressão curricular: diferentes gêneros, estilos, autores e autoras – contemporâneos, de outras épocas, regionais, nacionais, portugueses, africanos e de outros países – devem ser contemplados; o cânone, a literatura universal, a literatura juvenil, a tradição oral, o multissemiótico, a cultura digital e as culturas juvenis, dentre outras diversidades, devem ser consideradas, ainda que deva haver um privilégio do letramento da letra.

Compete ainda a este campo o desenvolvimento das práticas orais, tanto aquelas relacionadas à produção de textos em gêneros literários e artísticos diversos quanto as que se prestam à apreciação e ao compartilhamento e envolvam a seleção do que ler/ouvir/assistir e o exercício da indicação, da crítica, da recriação e do diálogo, por meio de diferentes práticas e gêneros, que devem ser explorados ao longo dos anos. (BNCC)

A Base nos mostra que, durante o ensino fundamental, é esperado que os alunos vivenciem experiências que auxiliem em seu processo de desenvolvimento, com maior autonomia, utilizando-se das linguagens orais e escritas, ampliando sua participação no mundo letrado, com

O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza. (Brasil, 2018)

Devemos fortalecer os estudantes, oferecendo uma vasta variedade bibliográfica, cinematográfica, musical, entre outras, que contribuam para a ampliação de seus conhecimentos a respeito da cultura, voz e protagonismo das mulheres negras no Brasil. Para desenvolver essa atividade, pensaremos nas competências 4, 5 e 6 da área de linguagens para o ensino fundamental, que são:

1. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

2. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
3. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos. (Brasil, 2018)

Além disso, potencializando a centralidade do texto, trabalharemos com uma atividade que abarque as competências 1, 3, 9 e 10, específicas para o ensino da Língua Portuguesa.

Devemos nos atentar para a abordagem sugerida na BNCC contemplando os conhecimentos sobre a Língua, auxiliando o estudante a apropriar-se das normas que regem o idioma no sistema linguístico que organiza o Português Brasileiro, não o tratando como único existente e possível, mas mostrando as possibilidades de adequação. Focando em atividades reflexivas, a partir do texto escolhido, com o trabalho transversal proposto pelo Ministério da Educação sobre ética e pluralidade cultural, onde lemos algumas das coisas que se esperam dos alunos, como por exemplo:

- conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
- perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação. (Brasil, 1997)

Lembrando também dos princípios norteadores dos Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs, para uma educação comprometida com a cidadania, com respeito aos direitos humanos, repúdio à discriminação, igualdade de direitos e corresponsabilidade com a vida social, nós professores, com atividades como essa, poderemos favorecer meios para que os alunos se posicionem perante as relações sociais existentes e se tornem mais questionadores e produtores linguístico-literários plenos.

Utilizaremos principalmente habilidades do âmbito artístico-literário, objetivando a ampliação do conhecimento literário de autoria feminina negra e a produção dos próprios estudantes, pensando na continuidade do desenvolvimento identitário – e literário – de cada um deles, capacitando-os para uma apreciação com fruição.

Trabalhar com memória, lembranças e historicidade nas aulas de literatura com adolescentes é crucial para enriquecer a compreensão e a apreciação da literatura, proporcionando uma abordagem mais contextualizada e conectada à vida e à história dos estudantes. Por meio de atividades assim, podemos criar nos alunos uma conexão entre as obras literárias e suas próprias experiências de vida, tornando a leitura mais significativa e relevante para eles. Entender o contexto histórico em que uma obra foi escrita é fundamental para uma interpretação completa. Conectar os eventos e ideias presentes na obra com o período histórico correspondente enriquece a compreensão e a análise dos estudantes.

A literatura é um meio poderoso para ensinar sobre culturas diferentes e promover a aceitação da diversidade. Ao explorar obras que abordam memórias e histórias de diferentes culturas, os alunos aprendem a valorizar as perspectivas de outras comunidades. Ao ler sobre as experiências e memórias de personagens diversos, os alunos têm a oportunidade de desenvolver empatia e compreender diferentes pontos de vista que contribuem para a formação de cidadãos mais sensíveis e tolerantes. Ao refletir sobre as obras, os alunos são incentivados a analisar criticamente os acontecimentos, os valores e as situações retratadas, estimulando-se ao pensamento crítico e à capacidade de avaliar questões complexas.

A literatura muitas vezes atua como um repositório de memórias culturais e históricas. Ao estudar escritas de missivas que refletem a história de uma sociedade ou grupo, os alunos contribuem para a preservação e compreensão de sua própria cultura e identidade, também são encorajados a criar suas próprias narrativas e expressões artísticas, fomentando a criatividade e a capacidade de se comunicar de maneiras diversas.

As cartas têm uma importância significativa em várias esferas da vida humana, tanto no âmbito pessoal quanto no cultural e histórico, são um meio de comunicação pessoal que permite expressar emoções, pensamentos e sentimentos de maneira mais profunda e afetuosa. Elas possibilitam conexões íntimas entre as pessoas, especialmente quando estão separadas geograficamente, também fornecem um registro histórico valioso das experiências, opiniões e eventos de uma determinada época. Elas oferecem *insights* únicos sobre a vida e a sociedade em um determinado momento, ajudando a preservar a história.

A escrita de cartas pode ser uma forma de expressão artística e literária. Cartas bem escritas podem apresentar uma narrativa envolvente, estilo literário e criatividade, tornando-as uma forma de arte. Correspondências entre amigos, familiares, amantes ou colegas podem mostrar a evolução dos laços e das interações entre as pessoas. Historicamente, as cartas eram um dos principais meios de trocar informações e ideias, especialmente antes da era digital. Elas eram usadas para discutir assuntos importantes, divulgar notícias e compartilhar conhecimento.

Escrever uma carta muitas vezes requer reflexão e autoconhecimento. Ao colocar pensamentos e emoções no papel, o remetente é desafiado a organizar suas ideias e a entender melhor a si mesmo. Em muitos contextos legais e oficiais, como contratos, notificações legais e comunicações formais, as cartas são usadas para garantir uma documentação adequada e um registro por escrito. Cartas antigas, especialmente de gerações passadas, podem oferecer uma visão única da vida e dos valores de familiares e ancestrais, ajudando a preservar memórias e histórias familiares. Atividades envolvendo esse gênero podem ser ferramentas eficazes para ensinar e desenvolver habilidades linguísticas e de escrita em crianças e jovens, promovendo a clareza, organização e estilo na comunicação escrita. Elas são um veículo de expressão emocional, uma fonte de preservação histórica e um meio para fortalecer e documentar relacionamentos ao longo do tempo.

Contar a própria história é uma prática fundamental que carrega uma série de benefícios e importâncias, tanto para o indivíduo que compartilha sua história quanto para aqueles que a ouvem. Vai além de uma simples narrativa de eventos; é uma forma de autoexpressão, preservação cultural, educação e conexão com outros. É uma ferramenta poderosa para o crescimento pessoal e para contribuir para um mundo mais compreensivo e solidário. Somos levados a refletir sobre nossas experiências de vida, escolhas, desafios enfrentados e conquistas, promovendo um maior entendimento de nós mesmos e das forças que moldaram nossa vida.

Compartilhar nossa história nos dá um senso de controle e poder sobre nossas próprias narrativas, uma vez que nos permite moldar e recontar nossa história de uma maneira que ressoe com nossa verdade e identidade. Assim, podemos encontrar pontos de conexão e empatia com outras pessoas que tiveram experiências semelhantes, o que cria um senso de comunidade e apoio mútuo. Nossa história pode inspirar e motivar outras pessoas que enfrentam desafios semelhantes. Ao mostrar como superamos obstáculos, podemos oferecer esperança e encorajamento a outros que estão passando por situações difíceis. Cada história é única e contribui para a diversidade e riqueza do nosso patrimônio cultural e histórico, assim contribuímos para a preservação da nossa identidade cultural e do nosso passado.

Além disso, é uma forma eficaz de transmitir conhecimento, valores e tradições. Elas são uma ferramenta poderosa de educação, especialmente em culturas onde a tradição oral desempenha um papel significativo. Contar a própria história permite a expressão criativa. Podemos escolher a forma como contamos nossa história, incorporando elementos artísticos e literários para torná-la envolvente e impactante. Ouvir as histórias de outras pessoas por meio de cartas pode aumentar nossa empatia e compreensão em relação às experiências e desafios dos outros, o que pode contribuir para a construção de sociedades mais compassivas e inclusivas. É importante para as futuras gerações entenderem de onde vieram e a quem estão conectadas.

Ao enfrentar e compartilhar nossos desafios e adversidades, podemos cultivar resiliência e crescimento pessoal. Atividades que acionam essas habilidades, ajudam-nos a superar as dificuldades com mais força e determinação. Trabalhar com representatividade e ancestralidade com adolescentes é de extrema importância, pois contribui para uma compreensão mais ampla e inclusiva de suas identidades, história e lugar no mundo. Quando apresentamos representatividade e ancestralidade, os adolescentes podem se identificar com as histórias, culturas e experiências compartilhadas, promovendo um senso de pertencimento e validação de suas próprias identidades. A representação positiva de suas culturas e raízes ajuda a construir a autoestima e a autoconfiança dos adolescentes, mostrando que suas histórias têm valor e merecem ser celebradas. Dessa forma, os adolescentes podem desenvolver uma mentalidade antirracista e antidiscriminatória, desafiando estereótipos e preconceitos.

A compreensão da diversidade cultural e da história de diferentes grupos é essencial para formar adolescentes conscientes e informados, capazes de viver em um mundo globalizado e interconectado. Ao incluir a ancestralidade nas aulas, os alunos obtêm uma visão mais abrangente e precisa da história, que muitas vezes é omitida ou distorcida nos currículos tradicionais, o que ajuda a preencher lacunas e proporcionar uma educação mais completa. O entendimento das diversas culturas e tradições fomenta o respeito pela diversidade, levando a uma sociedade mais inclusiva, tolerante e respeitosa.

A exposição a diferentes culturas e formas de pensar pode inspirar os adolescentes a serem mais inovadores e criativos em suas próprias vidas e projetos. Aprender sobre as lutas e triunfos dos outros por meio da ancestralidade pode aumentar a empatia e a compreensão das dificuldades enfrentadas por diferentes grupos sociais. Ao destacar a representatividade e ancestralidade, os alunos são mais propensos a se tornarem agentes de inclusão social, promovendo a igualdade e o entendimento entre as pessoas. Não é apenas relativo a educar sobre o passado, mas sobre preparar os adolescentes para um futuro mais justo, inclusivo e compreensivo, onde todos possam contribuir e prosperar independentemente de sua origem ou cultura.

Para mostrar aos alunos a importância de serem protagonistas em seu próprio processo educacional e em suas vidas, é fundamental adotar uma abordagem pedagógica que os envolva ativamente, estimule sua autonomia e responsabilidade. Essa ação pedagógica pode ser feita por meio de algumas estratégias, como explicar aos alunos como ser protagonista em sua própria educação os capacita a tomar decisões, aprofundar o aprendizado e desenvolver habilidades essenciais para a vida. Podemos mostrar que as opiniões e contribuições dos alunos são valorizadas e podem enriquecer a aprendizagem de toda a turma, realçando como suas perspectivas individuais podem adicionar diversidade e riqueza ao ambiente educacional.

É importante criarmos oportunidades para que os alunos participem ativamente nas discussões em sala de aula, apresentem trabalhos, liderem atividades ou proponham tópicos de estudo. Incentivando-os a compartilhar suas ideias e a desafiar seus próprios pensamentos. Ajudando-os a compreenderem que são responsáveis por seu próprio aprendizado, estimulando a organização, o gerenciamento do tempo, a definição de metas pessoais e a busca ativa pelo conhecimento. Algo que pode ser interessante é mostrar como as habilidades e os conhecimentos adquiridos na escola estão diretamente relacionados à vida cotidiana e ao futuro profissional dos alunos. A construção de uma cultura de respeito mútuo é fundamental para encorajar a participação ativa.

Ao implementar essas estratégias, nós professores de literatura podemos capacitar os alunos a assumirem o papel de protagonistas em sua própria aprendizagem e a compreenderem a importância desse papel para seu desenvolvimento pessoal e acadêmico. A escrita como voz é uma metáfora poderosa que destaca a importância da expressão individual e autêntica através da escrita, ela permite que os indivíduos expressem suas ideias, sentimentos, experiências e visões de mundo de uma maneira única. Assim como cada pessoa tem uma voz única, cada escritor tem um estilo de escrita distintivo que reflete sua identidade e personalidade. A escrita é um meio vital de comunicação e compartilhamento de informações, uma maneira de se conectar com os outros, seja para transmitir conhecimento, contar histórias ou expressar opiniões. Assim como usamos a voz para nos comunicar oralmente, usamos a escrita para nos comunicar por escrito. Escrever é uma maneira de dar voz às nossas reflexões internas.

Escrever envolve organização de ideias, clareza na expressão, argumentação eficaz e estruturação lógica. A capacidade de escrever e ser ouvido confere uma sensação de autoafirmação e empoderamento. É uma maneira de se afirmar no mundo e deixar uma marca, e isso é fundamental para a integração bem-sucedida em uma sociedade letrada. Habilidades de escrita eficazes são necessárias para o sucesso em muitos aspectos da vida moderna. A escrita permite a inclusão de diversas vozes e perspectivas. Ela dá voz às experiências únicas de diferentes grupos sociais e culturais, promovendo a diversidade e a compreensão mútua.

A metáfora da "escrita como voz" ilustra como a escrita de cartas enquanto literatura não é apenas um meio de transmissão de informações, mas uma forma de expressar a própria identidade, participar ativamente da sociedade, influenciar mudanças e deixar uma marca duradoura no mundo. Cada escritor possui uma voz única, e a escrita é o veículo que permite que essa voz seja ouvida e compreendida.

A metodologia da sequência didática desenvolvida para este TCC visa fornecer um material didático eficaz para professores que desejam contribuir com a luta antirracista por meio da literatura escrita por mulheres negras brasileiras. A proposta tem como objetivo engajar os

alunos na reflexão sobre questões raciais, estimulando a leitura crítica, a produção textual e a oralidade, enquanto promove o protagonismo digital e a consciência coletiva.

A escolha por essa abordagem metodológica se fundamenta na urgência de se combater o racismo estrutural presente na sociedade brasileira, começando no ambiente escolar. A inserção da literatura escrita por mulheres negras brasileiras no currículo escolar não apenas amplia a representatividade e diversidade de vozes, mas também proporciona aos alunos a oportunidade de se reconhecerem e se identificarem nas obras estudadas, além de estimular a reflexão crítica sobre questões sociais e históricas.

Dentro dessa perspectiva, a primeira aula da sequência didática proposta visa introduzir os alunos à obra literária selecionada e à sua autora, promovendo a leitura compartilhada, discussões sobre a temática racial no Brasil e reflexões sobre a importância de contar e preservar as próprias histórias. Ao longo das cinco aulas planejadas, os alunos serão incentivados a desenvolver habilidades de leitura crítica, produção textual e expressão oral, sempre tendo como referência as vozes e experiências das mulheres negras brasileiras.

No contexto educacional contemporâneo, o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio desempenha um papel fundamental na formação integral dos estudantes, não apenas no desenvolvimento de habilidades linguísticas, mas também na construção de uma consciência crítica e reflexiva sobre o mundo ao seu redor. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece diretrizes e expectativas para as aulas de Língua Portuguesa, delineando objetivos e competências a serem alcançados ao longo desse período educacional, buscando promover uma formação linguística e discursiva que vá além da mera gramática normativa, contemplando aspectos como leitura crítica, produção textual autoral, compreensão e análise de diferentes gêneros textuais, além do desenvolvimento da oralidade e da argumentação. Dessa forma, as atividades propostas devem estar alinhadas com as competências e habilidades estabelecidas pela BNCC, visando à formação integral do estudante como sujeito crítico, participativo e reflexivo.

As atividades propostas neste plano de aula foram selecionadas com base nas diretrizes da BNCC para o Ensino Médio em Língua Portuguesa. A escolha dessas atividades visa contemplar diferentes aspectos do processo de ensino e aprendizagem, tais como a leitura crítica de textos literários e não literários, a produção textual autoral, a análise de gêneros textuais diversos, a reflexão sobre questões sociais e culturais, entre outros. Além disso, as atividades são estruturadas de forma a estimular a participação ativa dos estudantes, favorecendo a construção colaborativa do conhecimento.

O suporte dado pela BNCC está presente na definição clara de competências e habilidades a serem desenvolvidas ao longo do Ensino Médio, que estão presentes ao longo de toda a

sequência didática, fornecendo um referencial teórico e metodológico para a elaboração de práticas pedagógicas mais eficazes e significativas, promovendo uma educação linguística e discursiva que valorize a diversidade cultural, social e textual, preparando os estudantes para uma participação ativa e crítica na sociedade contemporânea.

Na primeira etapa do plano 2, os alunos serão introduzidos ao gênero textual carta por meio de uma abordagem ampla e contextualizada. O objetivo é fornecer uma compreensão abrangente das características, funções e usos desse gênero ao longo da história. A atividade inclui a apresentação de exemplos de cartas de diferentes épocas e contextos, permitindo que os alunos identifiquem elementos comuns e peculiaridades de cada texto.

Na segunda atividade, os alunos serão incentivados a explorar o gênero carta por meio de pesquisas e reflexões individuais. Eles formularão perguntas sobre o tema e buscarão respostas em seu círculo social, ampliando assim sua compreensão sobre a relevância e a aplicação prática desse gênero na sociedade contemporânea. A atividade também inclui a elaboração de um questionário para investigar as percepções dos colegas sobre o tema.

Na terceira etapa, os alunos realizarão uma visita à biblioteca da escola para explorar o acervo de obras relacionadas ao tema da escrita autoral negra. Eles analisarão as obras disponíveis, observando a representatividade de autores negros e a diversidade de perspectivas abordadas. A atividade inclui a elaboração de um questionário para coletar informações sobre as percepções dos colegas em relação ao tema e à presença de obras de autores negros na biblioteca.

Na terceira aula, os alunos compartilharão os resultados das pesquisas realizadas nas aulas anteriores sobre o tema das cartas e a presença de autoras negras na literatura. Por meio de apresentações orais ou slides, eles destacarão as informações mais relevantes e as reflexões feitas durante o processo de investigação. Então, os alunos serão orientados a selecionar um destinatário, vivo ou não, e começar a escrever uma carta abordando as questões levantadas durante as aulas e pesquisas sobre a temática da escrita de mulheres negras. Embora a produção da carta seja uma atividade a ser realizada em casa, esse momento em sala de aula servirá para que os alunos compartilhem suas primeiras ideias e recebam orientações do professor. Por fim, os alunos participarão de uma discussão e reflexão sobre a importância da voz negra na literatura e na sociedade, relacionando-a com as cartas produzidas. Eles serão incentivados a considerar como as experiências e perspectivas das mulheres negras são representadas nas obras literárias e como suas vozes contribuem para uma compreensão mais ampla e inclusiva da realidade social e cultural.

Durante o quarto dia da sequência, os alunos serão orientados a transpor para a modalidade digital a narrativa presente em suas cartas, adaptando-as ao formato de vídeos para a rede social TikTok. Eles terão a tarefa de oralizar o conteúdo escrito em vídeos de até 60 segundos,

levando em consideração a adequação ao estilo e formato característicos do TikTok. O professor irá mediar a atividade, destacando pontos-chave como a importância de usar a própria voz e a adequação linguística ao contexto digital. Em seguida, será estimulada uma discussão sobre as experiências dos alunos em criar e consumir vídeos nesse formato, promovendo reflexões sobre o uso das novas tecnologias na comunicação e expressão.

Na segunda atividade, a aula seguirá com discussões sobre a importância e urgência da temática da voz negra no Brasil. Os alunos serão incentivados a refletir sobre os desafios e experiências compartilhadas durante as atividades anteriores, relacionando-as com questões mais amplas sobre representatividade, diversidade e inclusão na sociedade contemporânea. O objetivo é fomentar uma reflexão crítica sobre as vozes marginalizadas e as lutas por igualdade e reconhecimento, especialmente no contexto da literatura e da produção cultural.

No final da sequência, os alunos serão convidados a assistir aos vídeos produzidos a partir das cartas que escreveram e compartilharam nas redes sociais. Em seguida, será aberta uma discussão sobre as experiências vividas ao longo das últimas aulas, incentivando os alunos a refletir sobre o que aprenderam, como se sentiram em relação ao tema abordado e qual foi a importância da voz negra na literatura brasileira para eles. O objetivo é promover uma reflexão final sobre a sequência didática e seu impacto no aprendizado e na percepção dos alunos, encerrando o ciclo de atividades de forma reflexiva e avaliando seu alcance e relevância.

Cada dia foi cuidadosamente planejado para abordar diferentes aspectos do tema, desde a apresentação das obras e autoras até a reflexão sobre a importância da voz negra na sociedade contemporânea. É importante ressaltar que essa sequência é apenas uma sugestão e que o professor não precisa limitar a discussão de questões antirracistas a uma única aula ou à época do feriado da Consciência Negra. Pelo contrário, a abordagem desses temas deve ser contínua e integrada ao currículo escolar, permeando diversas disciplinas e momentos ao longo do ano letivo. A educação antirracista demanda um compromisso constante e uma abordagem holística, que reconheça a importância da diversidade e promova a equidade em todas as áreas do conhecimento e da convivência social.

### **Considerações finais**

Não obstante, mesmo com a existência da urgência e necessidade do tema, devemos reconhecer as dificuldades e limitações do sistema de ensino fundamental público no Brasil, seja

estadual ou municipal. Dentre elas, destaco o enfrentamento de possíveis impasses com responsáveis dos alunos, a ausência da obra nas bibliotecas, a precariedade do sistema no que tange à possibilidade de realizar xérox, a realidade financeira dos alunos, professores e das escolas.

Apesar de quaisquer obstáculos/resistências/impedimentos que venham a ser enfrentadas pelos docentes, é imprescindível que sejamos antirracistas em nossa forma de conduzir o processo de ensino-aprendizagem, com a literatura, corroborando para a formação literária de cidadãos cada vez mais conscientes, respeitosos e participativos.

Quando você se questionar sobre seu papel na luta antirracista, lembre-se do que Djamila disse em seu pequeno manual, “pessoas brancas devem se responsabilizar criticamente pelo sistema de opressão que as privilegia historicamente, produzindo desigualdades, e pessoas negras podem se conscientizar dos processos históricos para não reproduzi-los.” (Ribeiro, 2019, p. 108).

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única; tradução Julia Romeu. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental>. Acesso em 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº10.639/2003, de 09 de janeiro de 2003. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em: 2023.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em: 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 146p.

CARVALHO, Aiana; HOGEMANN, Edna Raque; JUSTINO, Patricy Barros. A mulher negra na literatura brasileira: passado, presente e futuro. *Revista Direito das Políticas Públicas* [recurso eletrônico] / Revista do Programa de Pós-Graduação em Direito da UNIRIO. Vol. 2, n. 2 (2020) - Rio de Janeiro, RJ: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2020. Acesso em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/rdpp/index> semestral

CENPEC. Mulheres Negras na Literatura. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/tematicas/mulheres-negras-na-literatura>. Acesso em: 2023.

CHO, Sumi, Kimberlé Crenshaw e Leslie McCall. "Toward a field of intersectionality studies: theory, applications, and praxis." *Signs* 38, no. 4 (2013): 785-810. DOI: <https://doi.org/10.1086/669608>.

CIÊNCIAS Sociais Hoje, Revista. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". 1984. N. 2. Página 224.

CUNHA, Helena Parente. A sobrevivência do cânone e seu caráter hegemônico: uma reflexão sobre os estudos literários contemporâneos. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 241-249, 2º semestre de 2006.

CUTI (Luiz Silva) *Literatura negro-brasileira / Cuti* – São Paulo: Selo Negro, 2010. – (coleção consciência em debate/coordenada por Vera Lúcia Benedito)

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Mapa do negro no mercado de trabalho no Brasil – Relatório de Pesquisa ao Instituto Interamericano pela Igualdade Racial (Inspire). Jun. 1999.

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, Simone. "Léo Lins, Porchat e a piada que faz o branco rir e machuca o negro." Disponível em: [https://noticias.uol.com.br/newsletters/uol-nos-negros/2023/05/19/leo-lins-porchat-e-a-piada-que-faz-o-branco-rir-e-machuca-o-negro.htm?utm\\_source=uol.com.br&utm\\_medium=referral&utm\\_campaign=nos-negros&utm\\_content=ver-edicao](https://noticias.uol.com.br/newsletters/uol-nos-negros/2023/05/19/leo-lins-porchat-e-a-piada-que-faz-o-branco-rir-e-machuca-o-negro.htm?utm_source=uol.com.br&utm_medium=referral&utm_campaign=nos-negros&utm_content=ver-edicao). Acesso em 2023.

FRANCHETTI, Paulo. Ensinar Literatura Para Quê?, Nov. 2009. In: [revista dEsEnrEdoS – ISSN 2175-3903 – ano I – número 03].

FUCKS, Rebeca. "Biografia de Djamila Ribeiro." *eBiografia*, [https://www.ebiografia.com/djamila\\_ribeiro/](https://www.ebiografia.com/djamila_ribeiro/). Acessado em 2023

GLOBO. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/22/total-de-pessoas-que-se-autodeclaram-pretas-e-pardas-crece-no-brasil-diz-ibge.ghtml>. Acesso em 2023.

GONZÁLEZ, Lélia. "Por um feminismo afro-latino-americano". In: *Revista Isis Internacional*, Santiago, v.9, pp 133-141, 1988.

GONZALEZ, Lélia. 2020. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar. 375 pp.

GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anapocs, 1984, p. 223-244. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod\\_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo\\_e\\_Sexismo\\_na\\_Cultura\\_Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf). Acesso em: 2023

IBGE. Taxa de homicídio de pretos ou pardos é quase três vezes maior que a de brancos. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25999-taxa-de-homicidio-de-pretos-ou-pardos-e-quase-tres-vezes-maior-que-a-de-brancos#:~:text=As%20taxas%20de%20homic%C3%ADdio%20no,entre%2015%2C%20e%2016>. Acesso em 2023.

INDEED. Disponível em: <https://br.indeed.com/conselho-de-carreira/comecando-novo-emprego/profissional-de-letas#:~:text=Atualmente%2C%20existem%20mais%20de%20500,de%20bacharelado%20ou%20de%20licenciado%20>. Acesso em 2023.

KILOMBA, G. Memórias da plantação - Episódios do racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

OLIVEIRA, E. Identidade, intolerância e as diferenças no espaço escolar: questões para debate. Revista Espaço Acadêmico, ano 1, n. 7, dez. 2001.

PINHEIRO, Hélder. Pesquisa em literatura. 2 ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. Cartas para minha avó. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SANTOS, M. C. Formação, transgressão e rupturas na Literatura Negro-brasileira escrita por mulheres. Revista Cerrados, 30(57). <https://doi.org/10.26512/cerrados.v30i57.38264>

VELOSO, Maria Thereza. Resgatando a memória, reescrevendo a história. In: Para ler com prazer: proposições didáticas para o ensino da literatura africana, afro-brasileira e indígena em sala de aula. Organizadoras: Ana Paula Teixeira Porto, Denise Almeida Silva, Luana Teixeira Porto. Frederico Westphalen: URI Frederico Westph, 2015. 228 p. Série Pesquisa & Ensino.

## ANEXOS

### SEQUÊNCIA DIDÁTICA

**Área do conhecimento:** Língua Portuguesa

**Público-alvo:** 9º ano

**Eixos temáticos:** Leitura, Produção de textos, Oralidade e análise linguística/semiótica.

**Tempo estimado:** 5 aulas de 50 minutos

**Objetivos gerais:**

- Auxiliar os alunos a se tornarem leitores e produtores textuais críticos, fortalecendo a autonomia deles, pensando na alternância da posição de autores, sem privilegiar uma determinada posição político-ideológica. Pensar nos alunos como sujeitos constituídos de diversos saberes sociais e midiáticos, fortalecendo o papel da escola como espaço formador para a consciência coletiva, cidadã, crítica e participativa;
- Apresentar o gênero, com suas características de modo que os alunos posteriormente tenham as condições necessárias para identificá-lo;
- Trabalhar o que a BNCC espera com relação às tecnologias de informação e comunicação, focando no protagonismo digital, formas de expressão e argumentação. Pensando na variação e adequação linguística, nas possibilidades multimidiáticas e multissemióticas de produção;
- Propiciar aos alunos experiências que contribuam para uma formação baseada no desenvolvimento de seus letramentos, pensando na utilização da oralidade, da escrita e outras linguagens.

### AULA 1

#### PLANO DE AULA

**Tempo estimado:** 50 minutos

**Objetivos específicos:**

- Apresentar a obra literária escolhida e sua autora;
- Dialogar brevemente sobre a temática do texto;
- Dialogar sobre o gênero Carta;

**Conhecimentos prévios:**

- Conhecimentos básicos sobre a escrita e importância das Cartas ao longo dos anos;

- Conhecimentos acerca da gramática normativa;

**Conteúdo:**

- Aula introdutória para trabalhar com questões sobre vivência, visão de mundo, compartilhamento de saberes;
- Leitura e discussão de trechos do livro “Cartas para minha avó”, de Djamilia Ribeiro;

**Recursos didáticos:** Data show, notebook, quadro, giz/canetão, cadernos, xérox.

**Avaliação:** Os alunos serão avaliados conforme seu envolvimento, participação e contribuições nas atividades propostas. Juntamente, sua capacidade de compreender e reproduzir os gêneros trabalhados. Em cada eixo temático os alunos serão observados. Por exemplo, que tange à linguagem/semiótica serão avaliadas as habilidades de coesão e coerência de suas produções, adequação temática, linguagem escolhida. Quanto à oralidade, ritmo, clareza nas informações, articulação, capacidade argumentativa, variedade linguística e elementos paralinguísticos, como postura e gestualidade.

**DESENVOLVIMENTO****Atividade 1**

Leitura em voz alta, com a sala organizada de forma circular e de modo que todos os alunos possam se ver/ouvir, que eles acompanharão por meio de xérox distribuídas pelo professor. Lendo conjuntamente, na obra, as cartas 1 e 2 do livro “Cartas para minha avó”, de Djamilia Ribeiro, presente nas páginas 9-19.

**Tempo estimado:** 20 minutos

**Atividade 2**

Apresentação básica sobre a obra e a autora, seguida de uma discussão sobre a temática racial no Brasil. O professor deverá guiar os alunos levantando pontos como: Vocês sabem qual é a população autodeclarada negra no Brasil? O que sabemos sobre sua condição socioeconômica e cultural? Em quais espaços vocês veem mais pessoas negras? Quais autores negros vocês conhecem? Quais autoras negras conhecem? Quais artistas, sejam músicos, pintores, atores, escultores etc., vocês conhecem? Quais já consumiram/ consomem?

**Habilidades aplicadas:**

**(EF69LP13)** Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

**(EF69LP14)** Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.

**(EF69LP03)** Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências; em reportagens e fotorreportagens o fato ou a temática retratada e a perspectiva de abordagem, em entrevistas os principais temas/subtemas abordados, explicações dadas ou teses defendidas em relação a esses subtemas; em tirinhas, memes, charge, a crítica, ironia ou humor presente.

**Tempo estimado:** 20 minutos

### **Atividade 3**

Momento destinado ao destaque da frase “acredito que contar minha própria história é um modo de revivê-las, de mantê-las vivas” presente na página 18. O professor deverá direcionar a discussão de modo que os alunos pensem na importância de contar a própria história ou a de pessoas que admira em sua família. E lembrá-los da importância que as mulheres têm nas culturas de origem africanas.

**Tempo estimado:** 10 minutos

## **AULA 2**

### **PLANO DE AULA**

**Tempo estimado:** 50 minutos.

#### **Objetivos específicos:**

- Relembrar características do gênero carta;
- Explorar o gênero e suas possibilidades;
- Propor pesquisas e reflexões sobre o gênero.

#### **Conhecimentos prévios:**

- Aspectos gerais do gênero carta.

#### **Conteúdo:**

- Revisão das características do gênero textual carta;

- Exploração do gênero, mostrando exemplos diversos;
- Propostas de pesquisas envolvendo entrevistas e reflexões.

**Recursos didáticos:** Data show, notebook, quadro, giz/canetão, cadernos, celulares.

**Avaliação:**

Participação ativa dos alunos, compreensão do gênero “carta” e a capacidade de formular perguntas e pesquisar sobre o tema.

**DESENVOLVIMENTO**

**Atividade 1:**

Nesse momento, os alunos poderão pensar a respeito de suas próprias experiências. O professor poderá apresentar o gênero de forma completa, mostrando suas principais características, linguagem, tipos de cartas existentes etc. Também poderá apresentar e sugerir para conhecimento, outras obras, escritas por mulheres, que trabalham temáticas semelhantes, como “Diário de Anne Frank” – Anne Frank, “Cartas secretas jamais enviadas” – Emily Trunko, “Cartas extraordinárias” – Martha Medeiros, “Carta à minha filha” – Maya Angelou, e até mesmo conversar sobre músicas que são narrativas semelhantes ao gênero estudado.

Então, os alunos serão conduzidos a pensarem nos usos e na importância do gênero desde sua concepção inicial até os dias atuais, bem como pensarem em “atualizações” possíveis (como mensagens de texto, e-mail, mensagens em aplicativos de conversas ou redes sociais etc.)

**Tempo estimado:** 15 minutos

**Atividade 2**

Proposta de pesquisa a ser realizada na escola e em casa. Os alunos deverão individualmente formular algumas questões sobre o gênero Cartas e buscarem respostas de amigos, pessoas com quem convivem diariamente (como pais, irmãos, responsáveis etc.). O professor deverá apresentar algumas sugestões, como:

- Você costuma enviar ou receber cartas?
- Que tipos de cartas conhece?
- Como você colocaria a importância delas para a construção da história?
- Acredita terem papel semelhante na atualidade?

- Conhece algum outro meio, que talvez você mesmo utilize, de trocar informações/ contar sobre o que viu, vivenciou/ realizar solicitações importantes etc.?

#### **Habilidades aplicadas:**

**(EF69LP38)** Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou slides de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multisssemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea

**(EF69LP13)** Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

**(EF89LP13)** Planejar entrevistas orais com pessoas ligadas ao fato noticiado, especialistas etc., como forma de obter dados e informações sobre os fatos cobertos sobre o tema ou questão discutida ou temáticas em estudo, levando em conta o gênero e seu contexto de produção, partindo do levantamento de informações sobre o entrevistado e sobre a temática e da elaboração de um roteiro de perguntas, garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática, realizar entrevista e fazer edição em áudio ou vídeo, incluindo uma contextualização inicial e uma fala de encerramento para publicação da entrevista isoladamente ou como parte integrante de reportagem multimidiática, adequando-a a seu contexto de publicação e garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática.

**Tempo estimado:** 15 minutos

#### **Atividade 3:**

Proposta de pesquisa a ser realizada na escola. Os alunos deverão visitar e investigar a biblioteca da escola para pensar nas questões referentes à temática de escrita de autoria negra, percebendo quais obras e autores a escola disponibiliza e o que pode ser questionado a partir disso. Também, os alunos deverão analisar como os demais colegas na escola encaram e percebem a necessidade do tema. Os alunos criarão um questionário breve utilizando a plataforma *google forms*, que será concluído ainda durante a aula e disponibilizado por meio de um *qr code* criado a partir do aplicativo *canva* com o link para as perguntas. O *qr code* será distribuído nas salas de aula, salas de professores, biblioteca e outras áreas da escola.

O professor poderá sugerir perguntas como:

- Quantos livros você costuma ler por ano?
- Em geral, você escolhe as obras a serem lidas ou apenas segue as orientações apresentadas pelos professores?
- Quantos autores e autoras negras você conhece?
- Poderia citar alguns nomes?
- Você acha que faz diferença conhecermos a cultura negra a partir de suas próprias perspectivas e conhecê-la pela visão de autores não negros?
- Com qual raça você se identifica?

**Habilidades aplicadas:**

(EF89LP27) Tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.

(EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.

**Tempo estimado:** 20 minutos

**AULA 3**  
**PLANO DE AULA**

**Tempo estimado:** 50 minutos.

**Objetivos específicos:**

- Colocar em prática os conhecimentos acionados nas aulas anteriores a respeito das cartas;
- Realizar atividades de reflexão e escrita.

**Conteúdo:**

- Produção de uma carta explorando o gênero;
- Reflexões sobre a temática e a importância da voz negra.

**Recursos didáticos:** Data show, notebook, quadro, giz/canetão, cadernos, celulares.

**Avaliação:**

- Os alunos serão avaliados a partir de suas cartas, onde o professor poderá perceber o quanto os alunos se envolveram nas dinâmicas sugeridas, o quanto absorveram e foram capazes de pôr em prática os aspectos do gênero e também quanto à exploração da criatividade e criticidade.

**DESENVOLVIMENTO****Atividade 1**

Os alunos irão compartilhar os resultados das duas pesquisas realizadas. A atividade poderá ser apresentada apenas oralmente, pontuando as informações colhidas ou por meio de *slides* com algumas das respostas que mais os chamaram atenção.

**Habilidades aplicadas:**

(EF89LP25) Divulgar o resultado de pesquisas por meio de apresentações orais, verbetes de enciclopédias colaborativas, reportagens de divulgação científica, *vlogs* científicos, vídeos de diferentes tipos etc.

**Tempo estimado:** 20 minutos.

**Atividade 2**

Os alunos deverão selecionar um destinatário, vivo ou não, e escreverem uma carta relatando as questões percebidas e levantadas durante as aulas e pesquisas sobre a temática da escrita de mulheres negras. Atividade a ser realizada em casa, mas os alunos terão aqui um momento destinado a pensarem nas primeiras ideias.

**Habilidades aplicadas:**

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

(EF09LP04) Escrever textos corretamente, de acordo com a norma-padrão, com estruturas sintáticas complexas no nível da oração e do período.

**Tempo estimado:** 15 minutos.

### **Atividade 3**

Discussão e reflexão sobre a importância da voz negra na literatura e na sociedade, relacionando-a com as cartas produzidas.

#### **Habilidades aplicadas:**

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

**Tempo estimado:** 15 minutos.

## **AULA 4**

### **PLANO DE AULA**

**Tempo estimado:** 50 minutos.

#### **Objetivos específicos:**

- Compartilhamento das atividades escritas;
- Fomentar a discussão sobre a experiência e aprendizado durante as aulas.

#### **Conteúdo:**

- Compreensão da adequação linguística para outras esferas da vida social;
- Discussão sobre as experiências e desafios enfrentados durante as atividades.

**Recursos didáticos:** Data show, notebook, quadro, giz/canetão, cadernos, celulares.

#### **Avaliação:**

- Avaliação da participação dos alunos na discussão dos vídeos e na reflexão sobre o aprendizado adquirido.

### **DESENVOLVIMENTO**

### **Atividade 1**

O professor orientará a atividade a ser realizada em casa, onde será solicitado transpor para a modalidade digital a narrativa colocada em cada carta. Os alunos irão oralizar aquilo que anteriormente foi escrito, mas nesse momento deverão pensar na adequação ao estilo dos vídeos pertencentes à rede social *Tiktok*, com a limitação de 60 segundos.

Na lousa, alunos e professor elencarão pontos-chaves para mediar a atividade. Os discentes deverão sair conscientes da veiculação dos vídeos, da importância de usar a própria voz, da adequação linguística. Nesse momento, o professor poderá estimular uma discussão sobre as experiências dos alunos em criar e consumir vídeos no formato *Tiktok*.

Os vídeos serão enviados por e-mail e o professor fará *upload* deles para o perfil criado no aplicativo *Tiktok* na conta da sala.

### **Habilidades aplicadas:**

**(EF69LP07)** Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/alterando efeitos, ordenamentos etc.

**(EF69LP19)** Analisar, em gêneros orais que envolvam argumentação, os efeitos de sentido de elementos típicos da modalidade falada, como a pausa, a entonação, o ritmo, a gestualidade e expressão facial, as hesitações etc.

**(EF69LP37)** Produzir roteiros para elaboração de vídeos de diferentes tipos (*vlog* científico, vídeo-minuto, programa de rádio, *podcasts*) para divulgação de conhecimentos científicos e resultados de pesquisa, tendo em vista seu contexto de produção, os elementos e a construção composicional dos roteiros.

**(EF69LP52)** Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação.

**(EF69LP56)** Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

**(EF09LP07)** Comparar o uso de regência verbal e regência nominal na norma-padrão com seu uso no português brasileiro coloquial oral.

**Tempo estimado:** 30 minutos.

### **Atividade 2**

A aula segue com as discussões sobre a importância e a urgência da temática da voz negra no Brasil.

**Habilidades aplicadas:**

**Tempo estimado:** 25 minutos.

## **AULA 5 PLANO DE AULA**

**Tempo estimado:** 50 minutos.

**Objetivos específicos:**

- Apresentação dos vídeos e discussão sobre a experiência vivida nas últimas aulas;
- Encerrar a sequência de forma reflexiva;
- Avaliar o aprendizado e a percepção dos alunos sobre o tema abordado.

**Conteúdo:**

- Reflexão sobre a sequência didática e o tema Ouvindo vozes de mulheres negras na literatura brasileira;
- Avaliação do aprendizado e percepção dos alunos.

**Recursos didáticos:** Data show, notebook.

**Avaliação:**

- Avaliação das contribuições dos alunos na reflexão sobre a sequência didática e o tema abordado.

**DESENVOLVIMENTO**

**Atividade 1**

O professor apresentará à turma os vídeos postados e poderão discutir sobre o que viram e vivenciaram com essa sequência de aulas. Os alunos são incentivados a refletir sobre o que aprenderam, como se sentiram em relação ao tema e como percebem a importância da voz negra na literatura.

**Habilidades aplicadas:**

**(EF89LP27)** Tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.

**Tempo estimado:** 40 minutos